

AUTORES & LIVROS

8/2/1942
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11
Núm. 5

A vida de Joaquim Nabuco, vista através do livro de Carolina Nabuco

A vida de Joaquim Nabuco é em suas linhas gerais, conhecida de todos os brasileiros que amam a figura nacional do agitado máximo da Abolição. Mas, nessa vida, como na vida de todos os homens, há episódios, fatos, ocorrências, que escapam aos biógrafos comuns. São pequeninas cenas, que somente o carinho religioso de um filho pode conservar com a verdade devida.

É de episódios dessa ordem, que está cheio o volume de Carolina Nabuco — "A vida de Joaquim Nabuco".

Tantas coisas vemos, ali, acerca da grande parlamentar e diplomata, tantas coisas que ignorávamos!

Carolina invoca a origem dos Nabucos, a origem paterna e a origem materna de seu pai. Entre os ascendentes maternos de Nabuco, ela destaca a figura de João Pires Barreto, fundador do morgado do Cabo, em Pernambuco. Esse João Pires Barreto foi homem de raras virtudes e caridade exemplar. E seu nome figura, hoje, no "Apêndice Lusitano".

Ela recorda o ambiente doce e quente de Massangana, que Nabuco celebrara, outrora, numa página cheia de poesia, e "Minha formação". Ali o pequeno Nabuco vive, ao lado de sua madrinha, d. Ana Rosa, que o criou. D. Ana Rosa escreve ao governador Nabuco cartas cheias de amor que tem ao seu netinho. Numa delas, diz: "E' a obra de misericórdia castiga os que erram. Mas o menino não quer".

Madrinha e madrinha, Nabuco tem para o Rio, para a casa paterna. E aqui tem como protetor o Barão de Taubaté. O velho nobre fica encantado com o seu novo aluno. Sobre ele escreve ao senador: "O Joaquim é um talento transcendente e fora de linha; nunca tive outro aluno de tanta inteligência". E, entretanto, esse menino transcendente vive em quando tirava notas insatisfatórias nos exames...

Se V. M. for chamado ao ministério, aceite-o por dois dias para "ditatorialmente" extinguí-la".

Em 1871, já bacharel, entra para o escritório de advogado do seu pai. Mas a sua passagem é curta. "Numa das primeiras causas de que se encarregara e pela qual se vinha interessando, ele estava já pensando o juiz. Só então teve conhecimento de um fato que mudava o aspecto do caso. Seu cliente lhe havia escondido que existira um herdeiro reconhecido para o legado que reclamava; uma criança morta alguns minutos depois do nascimento e cujos direitos passavam à mãe. O jovem advogado, sem se preocupar com a assistência declarou ao seu constituinte que ele o havia iludido e que a reclamação era injusta. Foi dali dizer ao seu pai que a carreira não lhe convinha."

Em 1875, Nabuco escreve no "Globo", onde agride José de Alencar a propósito do seu drama "O Jesuíta".

Em 1876, é nomeado adido de legação em Washington. Ali conhece o Barão de Carvalho Borges, o nosso ministro, "que tem acanhamento de lhe dar ofícios para copiar". No seu diário, há muitas impressões desse tempo. É interessante citar esta máxima sobre o casamento: "Casar é criar raízes; e o que tem raízes, como toda a árvore, vegeta".

E seu companheiro nos Estados Unidos, Saldanha da Gama. Mais tarde, quando articulam planos de reimplantação da Monarquia, Nabuco chama-o seu amigo "Duque de Saldanha".

Em 1878, é apresentado candidato à deputação por Pernambuco. Ali num "meeting" acadêmico, lança um programa que era um desafio: "A grande questão para a democracia brasileira não é a monarquia, é a escravidão" e a frase provocou o principal inimigo para ele dessa época

campanha conduzida pelo partido. Quando se viu paleado por esta declaração, no mesmo teatro Santa Isabel, que seria o cenário de tantos dos seus triunfos, provou conentemente e com deleite o prazer do orador que, no meio da tempestade, se sente de posse da verdade e "anteve que estes que o injuriavam naquele momento estarão com ele no dia seguinte".

Nesse ano, antes de ir para a Câmara, tem, pela segunda vez, febre tifóide. É muito fraco, quase convalescente ainda, da moléstia, que pronuncia, na Câmara, o seu primeiro discurso, defendendo a elegibilidade dos não católicos. Nesse discurso tem estas palavras: "o direito da minoria, o direito de um só, em relação à sua religião, é tão perfeito e completo como o direito de todos".

Sua eloquência, a esse tempo, é cheia de reminiscências literárias e mitológicas. Afonso Celso, o futuro visconde de Ouro Preto, dirige-se a ele num discurso: "Peço licença ao nobre deputado por Pernambuco para deixar em paz Schiller, Carlos V, Felipe II, Gambetta, mortos ou vivos... para tratar somente do objeto em discussão".

E em 1880 que começa a grande luta do abolicionismo. Nos "meetings" que se realizam, então, André Rebouças e José do Patrocínio varrem a última hora, o palco e os camarotes do teatro, com o público à espera.

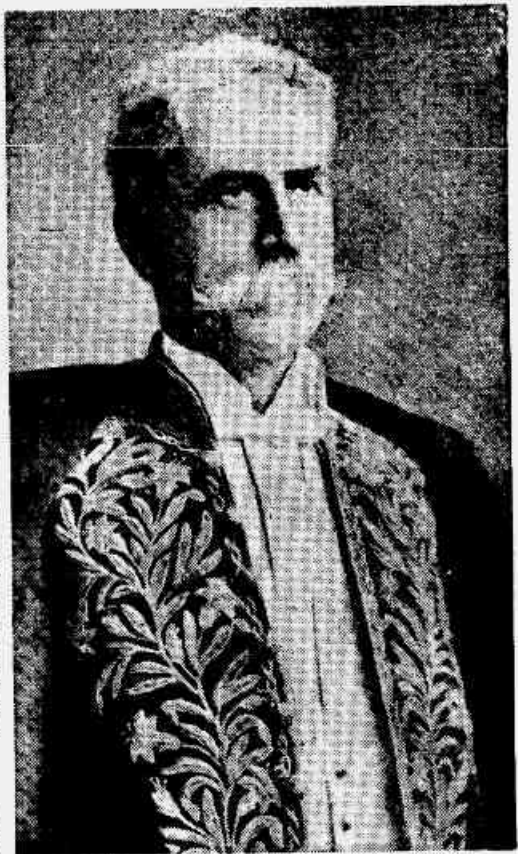
No fim desse ano, ele parte para a Europa. "Na passagem por Lisboa, Nabuco apareceu uma vez na galeria diplomática da Câmara dos Deputados. Um dos mais perfeitos oradores de Portugal, António Cândido Ribeiro da Costa, propõe ao velho ali, que fosse dispensado o regimento e que se introduzisse no recinto o deputado brasileiro."

Na renovação da Câmara, no ano seguinte, é excluído pelas suas ideias liberais. "Das vinte e uma legislações do Império é a primeira e foi a única em que não figurou o nome de Nabuco de Araújo, representante, desde a independência até a República, no parlamento brasileiro".

Nabuco aproveita esse descanço para escrever o seu livro "O abolicionismo".

Em 1885, depois de uma notabilíssima campanha em Pernambuco, ele volta à Câmara "sob uma chuva de flores". Nesse ano inicia uma nova luta, que espera levar ao fim com tanto entusiasmo quanto o da abolição — é a da "federação das províncias".

Em 1888, depois da abolição, ele tem ideias de paladino: "E' preciso me bater pela princesa. (Continua na página seguinte)



Joaquim Nabuco, quando embaixador do Brasil em Washington

SUMÁRIO

- | | |
|--|--|
| PÁGINA 65: | PÁGINA 75: |
| — A vida de Joaquim Nabuco, vista através do livro de Carolina Nabuco. | — Correspondência de esboços, Carta de Joaquim Nabuco a Medeiros e Albuquerque. |
| — Advertência. | |
| — Sumário. | PÁGINA 76: |
| PÁGINA 66: | — Joaquim Nabuco, diplomata. A embaixada de Washington e o Pan-Americanismo, de Raul Fernandes. |
| — Sarah Bernhardt, de Joaquim Nabuco. | |
| — Pensamentos, de Joaquim Nabuco. | PÁGINA 77: |
| PÁGINA 67: | — Dois temperamentos: Joaquim Nabuco e Oliveira Lima, de Barbosa Lima Sobrinho (da Academia Brasileira). |
| — Joaquim Nabuco, de Tristão de Cunha. | — As causas da Abolição no Brasil, de Joaquim Nabuco. |
| PÁGINAS 68 e 69: | |
| — A ideia republicana no Brasil. Ao almirante Jaceguai, de Joaquim Nabuco. | PÁGINA 78: |
| PÁGINA 70: | — O livro de Carolina Nabuco, de Graça Aranha. |
| — O livro de Carolina Nabuco, de Graça Aranha. | |
| PÁGINA 71: | — Uma auto-definição, de Martin Francisco. |
| — Joaquim Nabuco, de Oliveira Viana (da Academia Brasileira). | — Iniciação política, de Joaquim Nabuco. |
| — Joaquim Nabuco, na apreensão de Jussierand. | PÁGINA 79: |
| PÁGINA 72: | — Heine e seu tradutor, de Ernesto Feder. |
| — Joaquim Nabuco, dramaturgo. L'Option, acte V. | — A vida e de cabeça baixa, de Alvaro Moreyra. |
| PÁGINA 73: | |
| — Pensamentos, de Joaquim Nabuco. | PÁGINA 80: |
| — O Brasil e o Imperador, de Joaquim Nabuco. | — Curso de estudos da Amazônia, 5.ª aula. |
| PÁGINA 74: | — História da Amazônia, pelo prof. Basílio de Magalhães. |
| — A vida de Joaquim Nabuco, de Medeiros e Albuquerque. | — Efemerides da Academia. |
| — Um discurso de Nabuco, em Belo Horizonte. | — Soneto a quatro mãos, de Augusto Frederico Schmidt e Manuel Bandeira. |

ADVERTÊNCIA

Alguns leitores nos escreveram, fazendo observar que os capítulos de "Minha Formação", que publicamos em nosso número anterior, não correspondem ao que se lê nas páginas do livro desse título. A observação é exata — declaramos nós — pois, tendo que publicar aqueles capítulos, preferimos reproduzi-los da sua primitiva forma, da forma em que primeiramente apareceram na Revista Brasileira (fascículo de Fevereiro de 1889). Posteriormente, para dar a "Minha Formação" em livro, Nabuco os alterou, transformando-os quase completamente, em certas ocasiões. Pareceu-nos mais interessante reproduzir os capítulos da Revista Brasileira, do que os do livro, pois assim oferecíamos ao leitor não somente uma forma por assim dizer inédita do trabalho de Nabuco, mas também um curioso e uma ocasião de fazer um curioso estudo crítico sobre os processos da composição literária desse grande escritor.

Indo estudar direito em São Paulo, ali e Nabuco eleito presidente do "Ateneu Paulistano". Rui Barbosa é o segundo orador desse centro... O primeiro orador é um rapaz chamado Moreira.

Quando Nabuco partiu para Recife, onde ia concluir o seu curso, Rui ficou como presidente do "Ateneu". O novo orador foi Castro Alves.

Em 1888, quando terceiro aluno em São Paulo, Nabuco tinha como colegas Rui Barbosa, Castro Alves, Afonso Pena e Rodrigues Alves.

Muito novo, embora, Nabuco já sonha com o abolicionismo. A seu velho pai escreve, quando se falava em que ele subiria ao governo, em 71: "Ha uma coisa única que eu souho para V. M. neste país. Quero que seu nome esteja abaixo do decreto que acabar com a escravidão."

SARAH BERNHARDT — Joaquim Nabuco

A vida de Joaquim Nabuco, visto através do livro de Carolina Nabuco

(Continuação da página anterior)

Em Sarah Bernhardt a vida da mulher travou um duelo de celebridade com a carreira da artista. Nos seus mais esplendidos triunfos ela não terá tido muitas vezes senão a sensação do triunfo. Realizando na celebridade o tipo de Don Juan no amor, ela sonhou todas as glórias, conquistou-as todas, mas somente para sentir sempre a decepção de não ter depois da loucura do desejo. O conjunto da sua existência formaria um "pendant" feminino à vida de Nero, como a fantasia. Roman, mas de um Nero, com o gênio de mais e o crime de menos, obrigado a ganhar, pelo seu talento, os meios de realizar a vida heróica. Para que tal existência guardasse no entanto a proporção com as cinzas das outras cinzas, ela deveria, como Teodoro, encontrar um Justiniano e dar leis a um Império.

Não, porém, nada traves com esse drama do século XIX. Intitulada Sarah Bernhardt, que se há de representar perante as platéias do século XX, como hoje se representa o Keon. A viagem ao redor da América, que a grande atriz agora empreender, que se deve prolongar por mais de um ano, há de ser para ela um longo intervalo de calma e de repouso em sua vida intensa, da qual se pode dizer que a cabeça esteve sempre em febre, e o coração sempre em delírio. Nada, com efeito, pôde dispor tanto a volta gradual à normalidade — que deve ser para ela uma recordação longínqua da infância — como longa ausência de Paris, a peregrinação americana, durante a qual o Velho Mundo vai sofrer uma desordem da civilização entre os índios, uma Mlle. Clairon em respirar de tornar-se uma Alala Indígena, uma Mlle. Clairon em respirar de tornar-se uma Alala Indígena.

Sarah Bernhardt, na sua carreira dramática — em qual as emoções íntimas de sua vida são como que intervalos representados perante o mesmo público que a aplaude — terá passado mais força nervosa do que talvez fosse preciso a Bonaparte para formar-se Napoleão.

Essa desproporção continua e incessante da sorte, esse altar ao fundo do abismo, sem uma lembrança sequer, emoções de que se faziam milhares de existências felizes, envolve um gosto insano da própria pessoa. Semelhante curiosa daria vergar, mas não nos homens que conquistaram o mundo. Pode dizer-se que ela não tem em Paris uma hora de vida privada, e que antes de aparecer em cena, à noite, a atriz já se exterioriza de uma nos dramas reais que vive. Agora, porém, essa dualidade de representação vai cessar por algum tempo, e o público será beneficiado, tanto como ela, pela economia de forças a que a viagem a há de obrigá-la. Paris está a poucas horas de comunicação conosco pelo telégrafo, e os correios são muito frequentes. Mas o telégrafo não transmite a vibração da vida parisiense, e as malas, por mais carregadas que venham, têm intervalos certos. Tudo conspira para fechar a eminente artista nas quatro paredes do seu apartamento. O que todos devemos esperar é que ela não ache insuportável a sua prisão dourada desde todo o século.

Um crítico francês lembrou-me que ela partia para países de "pauca arte e literatura", onde a platéia apreciava o genio conforme o preço das cadeiras, e comparou-a, em outras palavras, a que ao voltar a Paris não deixasse nada de si entre esses bárbaros. Os adoradores do gênio francês admiram-no bastante para perdão essa fraqueza de alguns escritores de acreditar que Paris é toda a matéria pensante do mundo. Não é pouco ter recebido em partilha o dom que teve a França de embalar tudo o que toca. Não é indispensável a sua glória a crença de que só ela existia devidamente os seus próprios talentos. As nações, como os indivíduos, só são avulsas quando sabem fazer-se perdurar a sua superioridade, e fazer a França menos amável é diminuir-se. Na Brasil a grande artista não encontrará ainda a espécie de público que faz os grandes atores: o público que os compreende. Durante a sua viagem ela verá nas platéias de Buenos Aires mais riqueza, nas de Santiago mais aristocracia, nas da Havana mais imitação parisiense; em parte alguma, porém, encontrará, ao lado de um auditório tão afincado pelo teatro, uma minoria que tenha tanto do gênio francês. Ela pode assim estreitar-se, seria de que neste país está ainda em território intelectual de sua pátria. Em nenhum outro ela veria melhor exaltado do verso que tantas vezes ouviu em cena: — Tout honneur a deux pays: le sien et puis la France.

Como eu disse em começo, ela chega precedida de uma fama que não é outra coisa senão a glória de nosso século. No livro de sua vida não há nome lustre no teatro contemporâneo que não tenha escrito uma página de ouro. Paris, Londres, S. Petersburgo, Nova York, todas as grandes capitais procuraram vencer uma a outra na admiração que lhe mostraram. Ela tem sido a intérprete, a colaboradora, a criadora, às vezes, das maiores obras dramáticas do nosso tempo. A platéia dos novos dramaturgos franceses, cujas peças reproduzidas, plagadas, relíquias, imitadas, alimentam a literatura teatral dos dois mundos, está para ela na posição de subditos literários. Não um nome elevado-se acima do seu: o de Victor Hugo, a quem Dona Sol fez esquecer numa hora um exílio de vinte anos... Mas ao lado mesmo desse nome, o dela não pareceu pequena, porque eram ambos nomes únicos. Esta é distintamente a espécie de glória que ela possuiu: a de ser única, assim como Hugo, Lesseps, Renan. Tudo o que a admiração dos maiores espíritos, a adulação dos mais altos personagens, o delírio das platéias, a glória de Paris pode dar a uma artista, lhe foi prodigalizado. Como Rachel, ela elevou-se a uma posição solitária. Como a Ristori, recebeu as chaves de ouro da sua língua. O mundo da poesia cur-

lhe sobre os ombros e foram os seus lábios que recolheram a alma de Musset. Da fama ela passou para as artes, e pelas artes para a tradição.

Como uma vida tão intensa que é um feixe de vidas distintas, ela não se dá conta da admiração do mundo, mas a admiração é o elemento dessas naturezas. Dentro dele podem sentir o tédio da existência; fora, nem sequer respirar. No Brasil, como em toda a parte, Sarah Bernhardt encontrará a monotonia da sua celebridade. A natureza mudou; ao sol amorcitolado da noite sucedeu o sol ardente dos trópicos, mas o meridiano da glória está sempre sobre a sua cabeça, a estrada que ela pisou é a mesma no Rio de Janeiro que em Moscou. E a estrada triunfal que as realidades artísticas do nosso século encontram em qualquer país onde a fantasia se leve, bordada da eterna multidão humana, que parece outra, mas é sempre a mesma.

Não, entretanto, a aclamações duas vezes: porque ela não vem como Sarah Bernhardt, e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa história, temos a honra de receber em nosso país a glória francesa. A atriz que continua a tradição de Mlle. Leconteur, de Mlle. Clairon, de Mlle. Rachel, e me mais elevada carrier a embaixadora do espírito francês. Ela representa o ponto culminante do teatro da nação que, única em nossos dias, tem um teatro, e que foi a única a ter no teatro uma tradição, uma escola, uma educação. Como na arte de escrever, assim também na arte de representar, só a França atingiu essa perfeição nas medidas sonoras e visuais da expressão, a que se pode chamar o estilo. Sarah Bernhardt nos traz assim uma forma desconhecida da beleza, a forma de todas a mais preciosa, como traz uma língua que ainda não foi ouvida em nosso crédito.

As belas artes, no pensar de muitos, não chegam até ao palco; entretanto, quem é mais artista do que ator? A maioria plástica a que ele imprime a sua concepção, o seu sentimento criador, não é menos digna do que o mármore, por ser o conjunto das expressões humanas. Ele transforma-se cada minuto em uma obra de arte, como o escultor transforma o mármore. Quanto ao próprio texto do drama, esse não é mais do que o cinzel com que ele trabalha a sua matéria prima, que é ele mesmo. Shakespeare escreveu um só Hamlet, mas quantos nós temos sóis, contorne o sentimento e as idéias de cada época do genio criando dos seus intérpretes? E esse a arte de que Sarah Bernhardt é nos tem apresentar o mais perfeito modelo; e temos para isso uma dívida de gratidão, por assim nos deixar ver o original das grandes criações francesas de que só tinhamos visto cópias pálidas. Neste momento, o primeiro dos teatros franceses não é a Casa de Molière; é o teatro São Pedro de Alcantara.

A eminente atriz que nos dá a ocasião única de escrever essa frase, não há de falar provas da admiração que os brasileiros sentem por ela e por seu país. Os teatros em que ela representará não de ser tão pequenos em toda a América para os que ouviam para ouvi-la, como ainda há pouco o eram os teatros de Londres. Não arredar ela que o desejo de vê-la nos dramas emocionantes dos últimos anos seja maior do que o de escutar a música indelével da sua voz nos versos de Racine e de Hugo. Não nos faça ver incompleto a seu gênio artístico. Não se esqueça a paixão a pessoa, e deixe da vez em quando a musa acalmar as platéias que a tragédia tiver assombrado e a mulher trazer revoltas.

Quando a nós, também temos a que lhe dar em troca das nossas emoções; temos que lhe oferecer, a ela, que nos traz uma nova forma de arte, a que para uma natureza como a sua, tantas vezes artística, há de ser também uma revelação: o deslumbrante espírito que presenhiu ao aproximar-se de nossas montanhas, a magnificência do incompreensível cenário que a cerca por todos os lados. Em sua curta visita é de esperar que ela leve da nossa natureza, como nos há de deixar do gênio da França, uma impressão única. Neste momento só temos a dizer-lhe que ela não se enganava medindo a lugar que vai ocupar entre nós pelo razão que deixou em Paris. O que a França tem de grande nos artes e nas letras está com os olhos voltados para a portadora de suas credenciais artísticas. Os nossos aplausos desde hoje dirão ao mundo como foi recebida por nós a emissária da grande nação, de cuja glória fomos sempre um satélite distante.

(ESCRITOS E DISCURSOS LITERÁRIOS)

Joaquim Nabuco, apreciado por um diplomata francês

O diplomata francês Barral Monferrat assim apreciou a personalidade de Joaquim Nabuco, em um artigo de "Gaulois" de Paris:

"Um congresso Pan-Americano acaba de reunir-se no Rio de Janeiro. Dos seus trabalhos vou depender os destinos do novo mundo e, talvez mais do que se supõe, os da velha Europa. Por isso, julgamos interessante traçar o perfil do seu presidente, o dr. Nabuco.

Há trinta anos, mais ou menos, que nos conhecemos. Quando pela primeira vez me relacionei com esse estadista, ele era um moço de 24 anos,

belo como Apolo e dotado, como esse deus, dos mais raros dons intelectuais.

O dr. Nabuco pertence a uma família de homens de Estado. Seu pai era um dos chefes do partido liberal, e foi por essa razão que, ao sair da academia, ainda tão jovem, estreou na política.

Quando cheguei ao Brasil, como adido de legação, ele acabava de ser eleito deputado e já se distinguia no parlamento, pela elegância e facilidade com que falava; porém não era somente essa a sua elegância: dr. Nabuco era o Petrólio da

sociedade do Rio e de Petrópolis. Tomava parte em todas as festas, brilhava em todos os convívios (e o convívio era então um dos passatempos mais apreciados pelo "high life" petropolitano), ia a todos os bailes e redigia uma pequena folha que se publicou durante pouco tempo e cujo título era — "A Epoca". Fazia ver a nós encantadores, não só em nossa língua como em português, e chegou a publicar um volume de poesias francesas.

Compreende-se que, com tão belas qualidades, o dr. Nabuco produziu muitos...

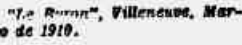
Quando vai para Washington, como embaixador, mantém lá, como já mantivera em Londres, o mesmo espírito quasi de misticismo.

Além disso, porém, tem um grande prestígio em todos os salões. Sua beleza varonil e celebrada e admirada por todos. Os condutores de ônibus quando passam defronte da embaixada, avisam aos excursionistas que ali mora o embaixador Nabuco, o mais belo dos homens dos Estados Unidos.

A sua morte tem a decência da morte de um santo. Na cartas para d. Avelina Nabuco, ele, a todos os momentos, manifesta a sua elevação íntima para Deus. Morre com um sorriso de resignação.

Na comunicação que o embaixador Jusserand faz ao governo francês da morte de Nabuco há este trecho: "De há muito ao serviço de seu país, que ele honrava pela nobreza de seu caráter, seu alto senso de justiça e uma elevação de vistas que nenhuma consideração de ordem pessoal jamais conseguia alterar, o sr. Nabuco era cercado aqui da estima e posso dizer da admiração universal". "O nosso país não produz muitos homens assim: diá-me com lágrimas nos olhos e primeiro secretário brasileiro por ocasião dos funerais. Pode, com toda a sinceridade, responder-lhe: Nenhum país produz muitos".

(Continuação da página 73)



A IDEIA REPUBLICANA NO

Em 1890, na *Resposta às Mençagens do Recife e Nazaré*, e na carta ao "Diário do Comércio". — Porque continuo Monarquista; em 1891, no *Agradecimento aos Pernambucanos* e na colaboração para o "Jornal do Brasil", intitulada *Flôres Republicanas*; em 1893, no discurso que pronunciou na Quermesse da Cruz Vermelha; em 1895, em *Balmaceda e na Intervenção Estrangeira durante a Revolta*, sem recordar a nossa campanha de 1888 e 1889, quando a escravidão respondeu ao ato de 13 de maio destraldando a bandeira da República, manifestos do melhor modo que me era possível o meu pensamento sobre a adaptação da forma republicana ao nosso país. Além daqueles fragmentos de opinião, há dois anos que me ocupo em reconstruir, sob o título — *Um estadista do Império* — *Th. Nabuco de Araújo, Sua vida, Suas Opiniões, Sua Época* (1813-1878), a individualidade de um dos vultos do antigo regime com uma perspectiva do reinado de D. Pedro II, esboço que continuarei, se puder levar a efeito um plano talvez demasiado ambicioso, com a história do movimento abolicionista (1879-1888), a qual pertence ao fim da grande era brasileira.

Como vê, encetarei-me politicamente, há já seis anos, em uma espécie de arquivo, a recolher em livros, em documentos, em retratos, em tradições quase desconhecidas hoje, os traços da original, deliçada e a alguns respeito ideal civilização em que gode florescer por tanto tempo a única monarquia da América. E no meio dessa poeira do passado que me vem encontrar a sua apreciável carta falando-me do futuro da República. Tudo o que eu posso dizer-lhe em resposta será apenas uma repetição daquelas falhas dispersas; não tenho nada que acrescentar aos sentimentos que tantas vezes expressei. É certo que não há razão em política para mudar de argumentos, como não há em geometria para procurar novas demonstrações de velhos teoremas. Ainda assim confesso que eu não quisera voltar neste momento a questão em que tão profundamente divergimos. Desde, porém, que sou obrigado a fazê-lo, discuto-la como naturalista discutiria a transformação de uma espécie. Sustentando eu que a República entre nós seria a reprodução viciada e esteril do tipo nacional fixo, contra a sua opinião que ela pode ser o aperfeiçoamento daquele tipo.

— "Por um fenómeno, diz a sua carta, que não sei se algum dia se chegará a explicar cientificamente, o sentimento dominante na raça mestiça americana é o da igualdade. Como conciliar com esse sentimento a afecção à monarquia que é o privilégio por excelência?" O fato é que essa afecção existiu, e que é natural. A realidade esforcou-se entre nós o mais que pôde por diminuir o sentimento da superioridade de raça. Eu poderia acumular a prova; basta, porém, o testemunho do velho Rebouças, a quem se pode chamar o patriarca da raça de cor. "A corte portuguesa, disse ele na Câmara na sessão de 1843, quando pedía, não os seus termos, que a população mu-ta tivesse um representante no Ministério, a corte portuguesa distinguia naturais de Portugal de naturais do Brasil; a estes, porém, considerava-os indistintamente, e os distinguia apenas quando por meio de seus sábios ditames, promulgados em leis, procurava a favor dos homens de cor, combater e extinguir inteiramente toda essa preceção contra o seu acidente, crinda e posta em voga nos países coloniais. Na causa sagrada da Independência do Brasil tomamos todos parte, unidos sempre e

partilhado temos todos os perigos da pátria, cooperando juntos para a sua salvação e com a mesma lealdade e interesse patriótico em todas as ocasiões sem exceção alguma. Ainda os multos, meus senhores, tem de mais um interesse na guarda e defesa da monarquia constitucional representativa, que não é tão precisamente necessária a outros cidadãos brasileiros". (*Recordações da Vida Parlamentar* do advogado Antonio Pereira Rebouças I, 524). Desde Henrique Dias até os batlhões negros do Paraguri, desde os africanos da Baía que a chegada de D. João VI cantavam, pensando que lá acabara o aqulle depois da Ave-Maria;

Dono da terra chegou Cento e cinquenta acabou,

até as massas resgatadas em 28 de setembro e 13 de maio, o sentimento dinástico da raça de cor foi inalterável. Seria exagerado imaginar que ela venha a mostrar no Brasil pela instituição que se sacrificou para resgatar a mesma fidelidade que os negros americanos conservaram há trinta anos ao partido de Lincoln.

Não sei, não vejo, a razão por que o sentimento de igualdade daquela raça, se é ela que tem de decidir da sorte do país, como o seu argumento presume, se expandiria melhor sob a república do que sob a monarquia. Nunca o sentimento da desigualdade das cores foi tão forte como em uma república — os Estados Unidos. Nas monarquias absolutas do Oriente esse sentimento não existe. E' só nos Estados Unidos que o negro, o mulato, seja um dos oradores mais eloquentes do seu tempo, um representante diplomático do seu país, como era Frederico Douglass, não entrara em um hotel, em um teatro, em uma escola, em uma igreja frequentada por gente branca. Os negros e os seus descendentes, qualquer que seja a mistura de sangue branco, tornam, na grande República de que somos a padroeira, uma casta inferior ainda mais repulsa para o branco do que os párias para os brâmanes. Na Europa monarquica vê-se o negro em toda a parte, morando nos melhores hotéis, viajando em vagões de primeira classe, sentando-se como um igual nos bancos das grandes escolas de arte ou de ciência; não se encontra um sinal de preconceito contra ele, na imprensa ou na literatura da Europa". (Rev. John Snyder, *Forum*, Out. 1889). Nos Estados Unidos, porém, seria acaso possível a um mulato, qualquer que fosse o seu gênio, chegar a posição. A quase realza literária de um Alexandre Dumas em Paris?

A sua prova de que o meio americano era contrário à monarquia, é que ele degenerou nele. A corte transplantada para o Brasil não foi a corte de Versalhes, foi a de Lisboa. É preciso não esquecer. Os viajantes estrangeiros do século XVIII descreveram o que era essa corte, há no tempo de D. José e de D. João V. O seu estilo, a sua etiqueta, a sua tenue toda era tal que não podia degenerar, pelo contrario só havia de ficar, em um meio que fosse efetivamente republicano. A negligência, o abandono, o desalinho do ceremonial monarquico é pelo contrario a prova de que a sociedade é ultra-monarquica. Muito mais extensa e profunda, do que a degeneração retribuciona da monarquia no Brasil não é a degeneração monarquica da república em toda a América do Sul? A verdade é que em um meio onde não existe pressão social é impossível que a forma de governo conserve perfeitos todos os seus característicos, seja ela a monarquia, seja, muito menos, a república.

— "D. Pedro II, no último pe-

riodo de seu reinado, foi objeto de asombro de todo o mundo civilizado pela despreocupação com que comprehendia as suas longas viagens, unicamente para satisfação de seus gostos de turista." Mas o que foram essas viagens? A primeira vez o Imperador viu a Europa, foi em 1871. De 1840 a 1871 pode-se dizer que ele ficou sentado no trono sem se levantar uma só vez. Ao Brasil deu a sua mocidade as forças da sua robustez, sua atividade fenomenal. Tinha servido trinta e um anos e já os cuidados da guerra do Paraguai o tinham branqueado, quando se lembrou de pedir a primeira licença. E mesmo essa primeira viagem não foi feita sem uma intenção politica desinteressada. O Imperador queria dar a Princesa Imperial uma ocasião de preparar-se para o trono, de ensinar o seu papel de Imperatriz, ainda vivenda ele, de modo a não ter que começar um dia o seu trineiro desajustado, entregue a si só. Ainda mais, deixando a jovem Regente o problema da escravidão para resolver, ele queria ceder a filha como apagação do seu futuro reinado a glória da libertação dos escravos e ao mesmo tempo mostrar ao mundo a qualidade do mecanismo constitucional que, na ausência do seu fundador, realizava com a maior precisão e perfeição de movimentos — uma reforma, que era a economia de uma guerra civil com a que atravessou em 1863 a grande República do Norte. A segunda viagem do Imperador foi em 1876. Ainda desta vez houve um motivo politico: a presença do unico monarca da América nas festas norteamericanas do centenario da Independência. Em 1887 ele partiu para a Europa, pode-se dizer sem vida; em 1889, partiu desaterrado.

— "A verdade é que a semente da monarquia traxida ao Brasil nas asas do cyclone da Revolução Francesa, no período napoleônico da conquista, germinou uma planta que só pôde medrar artificialmente enquanto teve para vivificá-la o estremo da escravidão". É exato que a monarquia veio para o Brasil nas asas do cyclone napoleônico, porque, sem ele, apesar do tunido e da tradição monarquica do país, igual ao das antigas colônias da Inglaterra e da Espanha, a América Portuguesa ter-se-ia constituido independente sob a forma republicana como a Inglesa e a Espanhola. Não há dúvida também que a monarquia só durou enquanto durou a escravidão. A presunção histórica, porém, é que se a monarquia tivesse encontrado a nossa sociedade já livre da escravidão, teria deixado uma tradição ainda mais notável.

Em toda parte, na Hellade de Polybio, como na Itália da época Ciceroniana, como na Cartago do tempo de Anibal (Mommson, *História Romana*); no reino de Judá (Ewald, *Antiquidades de Israel*) como na União Americana, a escravidão produziu sempre um governo cuja função principal era manter a supremacia do capital — escravo do Slave Power como se chamou nos Estados Unidos. A honra da monarquia no Brasil, entretanto, é ter neutralizado socialmente a escravidão. O que germinou desta não foi a monarquia, anterior a e-a superior a ela, foi sim a república. Os propagandistas republicanos de 14 de maio é que surgiram quase de repente da "semente de dragão" do *Draehenwaut*, a figura de Mommson, de que brotaram nos Estados Sulistas "os gigantes armados". O que assina o caracter de uma instituição é a semente de que procede; não são os ramos e as folhas que apodrecem em redor dela.

Sobre essa base que eu tenho por falha, de que no Novo Mundo o torção étnico, uma sua frase insinua que até o climatérico,

é impróprio para a monarquia, assenta a outra tese — que por isso ela nunca teve raízes no Brasil. Mais de uma vez tenho discutido essa questão das raízes da monarquia. Tenho por certo que a função da monarquia no Brasil foi esta: Descobrimento, conquista, povoamento, cristianização, edificação, plantio, organização, defesa do litoral, expulsão do estrangeiro, unificação e conservação do todo territorial; administração, estabilidade, ordem perfeita no Interior; Independência, unidade politica, sistema parlamentar, sentimento da liberdade, alívio do caracter nacional, inviolabilidade da imprensa, força das oposições, direitos das minorias, tirocinio, aptidão, moralidade administrativa, vocação politica desinteressada; crédito, reputação, prestígio exterior; brandura e suavidade de costumes publicos, igualdade civil das raças, extincção pacifica da escravidão, glória militar, renúncia do direito de conquista, arbitramento internacional, cultura literária e científica. — a mais forte da América Latina; por último com o ideal realizado da democracia antiga, a governo do melhor homem", um reinado Pericleiano de meio século.

Qualquer que seja o novo destino que o tempo e a morte do Imperador possam trazer para o Brasil, escreveu em 1889 o Rio de Janeiro o correspondente especial do "Times", na da apagará nunca a dívida que este povo tem para com o seu soberano e a sua Constituição pelo meio século de ordem e tranquilidade de que gozou no meio da confusão dos países vizinhos, onde entre a vontade do povo e o gênio fatal dos seus conselheiros demagógicos não existia um poder superior. Quando mesmo a monarquia não tivesse nada feito pelo Brasil senão salvá-lo das tormentas, dos conflitos, e dos mortificos selvagens que em tantas Repúblicas sul-americanas assilaram a eleição periodica do Presidente, ainda assim a obrigação deste país para com a lei de sucessão, estabelecida em favor da dinastia reinante, fica além de todo cálculo.

Pretender que uma instituição que teve todo esse papel em nossa história não tinha raízes no país é pretender que o criador não tem raízes na criatura. Em certo sentido pode-se dizer que nada tem raízes entre nós, no sentido que tudo pode ser derrubado sem resistência. Já uma vez, no "Jornal do Brasil", citei estes mesmos exemplos. Ninguém negará que o Brasil seja uma nação católica. Está aí aos olhos de todos pelo vasto interior a massa inculcável de fé ainda primitiva e intacta, posto que adormecida e aparentemente extinta, e no entanto não puderam alguns raros Positivistas apagar da frente do Brasil o sinal do batismo, a legenda de Terra da Santa Cruz, banir dos quartéis, dos hospitais, dos navios de guerra, dos tribunais, das escolas, tudo que pudesse falar de Deus e imprimi-lhe na bandeira o distico sacerdotal da religião do Almeida? Assim como a religião, na extrema opposita, o dinheiro. Não se viu a massa das fortunas do país reduzidas à metade, a terça parte do seu valor por emissões não autorizadas, doações francamente gratuitas, verdadeira distribuição forçada da fortuna dos que tinham com os que não tinham, sem que o capitalista, grande ou pequeno, o credor cujos créditos eram depreciados em favor do devedor, o consumidor cuja vida encarecia em proveito dos produtores, pensassem em articular um protesto? Posso acrescentar um terceiro exemplo. A própria escravidão que raízes tinha? Não a vimos cair quase sem defesa e, no entanto, não dispunha ela da totalidade do capital, não

era senhora da produção toda do país?

Não são as instituições que não tem raízes, é o solo que não tem consistência e cujas areias o menor vento revolve. Em tais condições imaginar que só a República tem raízes, ou que ela as lançou em uma camada mais profunda do que a monarquia, do que a religião, do que a família, do que a propriedade, parece a inversão de toda a ciência social. E' preciso se fundou. O general Deodoro não foi senão um segundo Camurú. Assim como Diogo Álvares se fez quase adorar pelos indígenas disparando uma espingarda, ele fez acalmar a República no Campo de Santana, dando uma salva de vinte e um tiros. O povo de 15 de novembro, que não conhecia a linguagem politica da artilharia, é o neto do Descobridor que não conhecia a detonação da pólvora.

Vejam, porém, a sociedade. Do que sofremos nós principalmente? Não é observação sua que sofremos de um limitado individualismo, que se torna verdadeira irresponsabilidade, por que é acompanhado da falta de toda e qualquer reação social? Não é exato que o indivíduo não se sente solidário, contrangido, dominado pela sociedade em nenhuma de suas vontades, que é tão absoluto senhor das suas ações, da sua vida, como se vivesse no deserto? Não é certo que cada um pode fazer o que quer, viver como entende, sem se preocupar do opinião que o rodeia? E não quereria isso dizer que não existe fiscalização, pressão, governo da sociedade sobre o indivíduo? Além desse traço, há outro igualmente importante. Nós somos a única sociedade existente no mundo a que se possa dar o nome de neocrática, em todos os sentidos; não só no de sermos governados de preferência pelas novas idéias, mas especialmente no de sermos governados pelas novas gerações, em oposição ao governo mais antigo que se encontra no começo de todas as civilizações quase. Já antes dos quarenta anos, o brasileiro começa a inclinar a sua opinião diante da dos jovens de quinze a vinte e cinco. A abolição dos pais nos filhos, da idade madura na adolescência, é um fenómeno exclusivamente nosso. Imagine-se a França entregue inteiramente como grande potência europeia à direção do Quartier Latin. Em menor escala esse e o nosso caso. O resultado é uma prematuridade abortiva em todo o campo da intelligencia, pelo que o talento nacional, que é incontestável, pronto, brilhante e imaginativo, está condenado a produzir obras sem fundo, e, portanto, também sem forma, porque o belo da literatura, como nas artes, não é outra coisa senão a força. Será difícil a um estudante novo, de mérito, servir-se a primeira vez do microscópio, sem logo descobrir um novo organismo, que os sábios estejam procurando em vão há anos, nos diversos laboratórios da Europa. A pressa é uma incapacidade para a ciência, como para a arte. O Imperador teve uma correspondência com Renan e outras autoridades em lingua scientificas, sobre uma inscrição fenicia, que se dizia ter sido descoberta na Paraba e que um curioso brasileiro, homem de ciência, que a traduzira, pretendia ser autenticas. Qualquer jovem oficial, que mandemos aos estaleiros da Europa, sente-se com a capacidade de resolver uma dúvida entre dois grandes arquitetos navais. Tudo isso revela de certo uma qualidade — a intuitiva, que, corrigida e completada pela reflexão, é a primeira das qualidades do capitalista, mas que movida pela imaginação somente, é quase infantil. Os próprios Positivistas, que se definem como os reorganizador-

BRASIL - Ao Almirante Jaceguay - Joaquim Nabuco

res da coerência espiritual, em nosso país, são outro exemplo da irrepressibilidade nacional. Antes de deporem o Imperador do governo do Brasil, não depuseram eles o Sr. Laiffite da sucessão de Augusto Comte? Isto quer dizer que em um dos maiores erros da humanidade, como é o Comtismo, entrou com os brasileiros o espírito de indisciplina e logo se deu um "selvagem". Eu receio muito o dia em que tivermos um cardinal novo. O representante no Sacro Colégio da nossa Impulsiva metropolita, se o Conclave não elege as suas vistas superiores, amargará vir para a imprensa com as irregularidades da agitação das cédulas, perturbando a eleição que há dois mil anos se faz tranquilamente do superior de S. Pedro. Se por acaso um nosso pátrio recobresse um dia a liara, então, sem plasticidade, nem o Espírito Santo conseguiria contê-lo na reforma geral da Igreja. Certamente com papas brasileiros a infalibilidade não teria levado tantos séculos para ser proclamada dogma.

Nenhum terreno pode ser mais próprio do que esse para a cultura da anarquia. Não se viu o fundador da República, que foi toda a vida um professor distinto, jubilar o dr. Justiniano de Andrade, honra das antigas Faculdades de Direito, declarando por aviso que o fazia "por ter ele perdido o prestígio e a força moral aos olhos dos próprios alunos"? Não é doutor na corrente, oficial, positiva, que alguma coisa pudesse aumentar a glória de Benjamin Constant e a de Floriano Peixoto, por 15 de Novembro, seria o ter o primeiro casqueado a afecção e o reconhecimento que voltava ao Imperador e o segundo a liberdade que lhe devia em um país de confiança? Essa doutrina, que será talvez a estoica, é a preferência de glória em favor das mais profundamente duradas para com aqueles a quem tem de ferir, germinando no arado em toda a espécie de terreno, que espécie de aberração não está destinada a produzir? Não faço nenhuma crítica ao exame nenhuma dessas frustrações que tomet e que poderia multiplicar, pois apenas o traço da época que atravessamos.

Pelo que se passa na alta esfera da inteligência, na cúpula social, pode-se estimar a agitação que reina na base, onde está a iritação. O seu argumento é que uma sociedade assim repete, naturalmente, a monarquia; a minha ideia é justamente a oposta, que esta sociedade pecadora, pede, exige a monarquia como seu remédio natural, somente não tem força própria para produzi-la. Em uma sociedade como a nossa todos os elementos de seleção deveriam ser cuidadosamente conservados. Não creio a esse ponto no *similibus similibus* que pretenda tratar fenômenos, como Taine os qualifica, de anarquia espontânea, estabelecendo na sociedade uma causa permanente de anarquia.

Não pretendo, note bem, que a monarquia pudesse nunca ser entre nós um governo perfeito, todo o governo é a imagem da sociedade, sabe-se bem; o que penso é que das duas formas a que nos pode dar uma máquina política econômica, menos fácil de desconectar, capaz de vencer a grande rampa que temos por muito tempo de subir, é a monarquia. O eixo monárquico parece-me um eixo muito mais sólido e mais elástico para as duas rodas do progresso, a ordem e a liberdade, do que o eixo militar que puseram no lugar dele e que não vejo como possa ser substituído pelo eixo eleitoral norte-americano, porque todos nós sabemos de que fraco material este último seria fabricado entre nós.

A diferença para mim entre

a monarquia e a república no Brasil é a que se vê entre a velha sociedade comercial e as novas companhias anônimas. Naquela os sócios respondem com tudo que possuem (na hipótese monárquica o gerente entrava com o trono), fazem somente as operações que o seu capital e o seu crédito permite, tem interesse até mesmo de honra, na prosperidade de sua casa, precisam cultivar boas relações, lealdade e confiança um com outro, e no caso de máis negócios, estão sujeitos a escrupulosa lei da falência. A sociedade anônima é capaz de realizar obras gigantescas para as quais não bastaria o capital de poucos; a responsabilidade é limitada; de fato, porém, a administração é irresponsável e o acionista não passa de um contribuinte anônimo. Na forma republicana, como a podemos ter, o Estado, o Governo, figura-se-me uma dessas companhias em que os acionistas, depois que o grosso das suas entradas foi consumido pelos incorporadores, vem os restos do seu capital administrados para o único fim de pagar a diretoria e prolongar a existência de uma sociedade em que eles deixaram de ter interesse.

É certo que a dissolução do nosso sistema político-administrativo data da monarquia, mas é também um fato que a dinastia não concorreu para ela e a melhor prova é que o efeito da retirada do Imperador, mesmo sobre o antigo meio político, foi como se tivesse cessado de repente um possível foco de infecção a ação continua de um poderoso antisséptico. Até o fim a dinastia manteve impolvida a sua abnegação, a sua honestidade, o seu espírito patriótico. A história de cinquenta anos já está para mostrar que nos limites de uma prova que os limites de que superstitiosamente se encerrou —, "honra da meu reinado", escreveu ele uma vez, não pode ser senão o desejo de cumprir a Constituição que jurou". — O Imperador foi sempre em despacho e na correspondência com os ministros o representante do interesse e do desinteresse nacional. Foi verdadeiramente o seu *liberum veto* que deu à política entre nós o evadido caráter que ela teve por tanto tempo. Para o fim a instituição estava cansada mas o que a razão aconselhava era que a dinastia e a força armada se entendessem, se unissem, reciprocamente se apoiassem, animados como eram do mesmo espírito de abnegação e patriotismo. Em vez disto, infelizmente, o exército preferiu desmatar a sua aliada natural e negar a sua própria evolução política, perigosa sempre para instituições militares. No mesmo dia perdemos assim as duas forças em que podíamos esperar, aquelas cuja união oferecia o melhor ponto de apoio à sociedade para resistir às iniciativas, como as inércias, que a dissolvem.

Eis como eu coloco a questão da monarquia e da república em nosso país. Admito que tenha passado a época do Terror e a época do Diretório; que estejam à imensa distância da Bastilha do Catumbi e da intervenção estrangeira em nossas guerras civis; que entremos no regime normal do país, assim como o México ou a República Argentina. Admito tudo isso, ainda assim esse governo e a sociedade modificada por ele seria um tipo de governo e de sociedade inferior; muito menos satisfatório para o amor próprio nacional, menos expressivo do todo que a nossa nacionalidade tem de nobre, de generoso, de elevado, de progressivo, comparado à monarquia que tínhamos.

Nesse ponto deixe-me repetir o que já disse uma vez, porque eu não poderia expressar o meu

pensamento com maior clareza: "Se eu tivesse por ambição na vida ser cidadão de uma república, há muito me teria naturalizado suíço ou norte-americano. A minha ambição, porém, é ver a liberdade desenvolvida e aperfeiçoada no meu próprio país, o mais que nós for possível, e para isto não posso pensar na república. A república nos países latinos da América é um governo no qual é essencial desistir da liberdade para obter a ordem". E nessa mesma ordem de ideias no discurso da Quermesse: "O que é que o estrangeiro deseja para os países da América Latina? Muito pouco, a saber, que o homem forte que uma vez ali surgiu não desapareça mais. É assim que o México inspira maior confiança do que as outras repúblicas, por causa de Porfirio Díaz. Esse homem nem sempre aparece; a sociedade debilitada não os pode às vezes produzir, mas onde ele se mostra forma-se uma ditadura espontânea em seu favor, provocada de fora pelo crédito e de dentro pela ordem pública. ... A ordem, porém, que o torção brasileiro deve querer produzir não pode ser a planície que cresce estéril na América Latina e sim a que na América Saxônia dá a liberdade coisa muito frutífera. ... Para mim haveria muito pouco interesse em cultivar a ordem que não pudesse dar a liberdade, senão como seu fruto, ao menos como sua flor".

Pode crer-me: não tenho ressentimento pessoal da República; não sou em sentido algum um despedido; em política fui um amador e não um profissional, de modo que o 15 de Novembro nem me interrompeu a carreira. Na última eleição fui eleito in absentia, sinal de que já deixava afastar-me de um cenário onde depois da abolição me sentia fora dos partidos. Continuo a sentir o mesmo reconhecimento pela generosidade de com que foi tratado; acredito que até hoje nenhum homem público (só exceto o Imperador) teve direito de queixar-se do nosso país, porque todos receberam mais do que a sua conta. Faço votos para que a República não seja estéril de estadistas, nem destruidora de princípios de administração; que mostre mesmo a coragem do Chile convertendo o seu papel depreciado e fazendo vir da Europa oficiais para montarem o seu aparelho militar pela norma dos exércitos modernos, o que não se pode copiar de livros. Não sou dos que dizem: "quanto pior melhor", mesmo porque do extremo mal não creio que nascesse a reação, o sim maior incapacidade para tentá-la, maior desânimo ainda, — tudo que for destruído, diminuir a acumulação material e moral deixada pela monarquia é favorecer a República; o Brasil quanto mais civilizado mais tenderá para a monarquia, quanto mais bárbaro, mais se desinteressará dela.

Observe, por isso, imparcialmente, a marcha das instituições, mas o menos que lhe posso dizer é que o seu modo de considerá-la parece-me demasiado otimista. Antes de tudo. Nenhuma das grandes correntes que se juntaram e abriram o leito da República nasceu de um sentimento tão elevado, nem tão generoso como as que nos deram a monarquia. Quer se olhe para o esclavismo, quer para o militarismo, quer para o positivismo, quer para o jacobinismo, quer para o canaliquismo, e aí estão os principais elementos da síntese de 15 de Novembro, — a aspiração republicana pura, a aspiração de qualquer daquelas bases, forma uma quantidade inconsiderável para o cálculo, — não há um só deles que pareça liberal, progressivo, largo de vistas. Depois. Temos seis anos de República; tínhamos uma tradição

de humanidade a mais bela da América, de abolição sem guerra civil, de guerras exteriores sem conquista, de revoluções sem vinganças; e hoje? Onde está Lorena? Onde estão os filhos de Trajano de Carvalho? Onde está o marechal Batovi? Onde está o Barão de Serrazul, com os seus companheiros de vagão? Onde está Saldanha da Gama?

A República tem grandes problemas preliminares que resolver e que são incógnitas uns dos outros. Tem o problema financeiro, o problema federal, o problema militar. Tornar a República solvável, tornar a República articulada, tornar a República civil, não é pequena tarefa.

Que a República há de ser unitária ou há de haver muitas repúblicas, não há para mim dúvida alguma. A vida das Repúblicas latinas da América tem sido uma luta continua entre o militarismo e o federalismo e em toda a parte este foi esmagado pelo poder central. Nós não podemos fazer exceção a esta regra. A federação era possível com a monarquia, como é não Inglaterra, na Alemanha, na Suécia-Noruega, na Áustria-Hungria; nem a monarquia moderna foi outra coisa em longos séculos, senão a forma da federação, e era possível, porque o chefe de Estado não tinha interesse, como tem os presidentes na República, em anular a autonomia dos Estados, no interesse da eleição do seu sucessor e da permanência do seu partido. Se os nossos Estados ficarem de fato autônomos, por se poderem rebelar contra o poder central como as antigas províncias do Prata, teremos uma desigualdade de condições, muito grande, entre eles, como atualmente entre Minas e Santa Catarina ou o Rio Grande. A federação sem uniformidade de direitos e de liberdade é praticamente um cometo de separação, e separação pela barbárie. Com o tempo, o desejo de todos os Estados, de que se tratam militares que foram e continuam a ser passários a ser capitães de donatários políticos, para serem governados de longe por quem não tenha grupo, família, interesse neles e se sinta responsável perante um círculo mais largo e mais independente de opinião.

Também não é impossível que o tempo lentamente resolva o problema militar, e que os partidos civis, apoiando-se nos governadores que dispõem de pequenos exércitos, maiores do que as guarnições, consigam, depois de mais uma ou duas eleições, como a última, reduzir o elemento militar à nulidade política. Neste caso, com a força pública inteiramente obediente, os presidentes farão obedecer à sua vontade, os seus sucessores, como os Congressos, e acabarão confiscando as milícias dos Estados, únicas que lhes poderiam fazer sombra. A República, porém, precisa do militarismo, como o corpo humano precisa de calor; a questão é se-lo no grau fisiológico, nem demais, nem de menos. Ter o exército como força política ativa, é se-lo demais; tirar ao exército todo caráter político, é se-lo de menos; a temperatura exata, seria se-lo como força política de reserva; — o que na prática é uma espécie de quadratura do círculo.

Muito mais difícil, porém, é ainda a solução do problema financeiro, evitar a bancarrota, porque para esta trabalham as mesmas causas de indolência, inércia, indiferentismo, incapacidade de manter por muito tempo uma atitude firme, uniforme, que podem concorrer para a resolução dos outros dois no sentido do governo civil e do governo unitário.

Em vista de tal perspectiva é muito frágil a confiança que a

sua carta me quer inspirar, quando espera que o governo do dr. Prudente de Moraes "dissipará as minhas apreensões sobre a capacidade dos brasileiros para a República". As provas das instituições precisas são longas. Creio que foi Gustavo Planche quem disse que o tempo não respeita o que se faz sem ele. Não há em uma Presidência tempo para uma experiência social como a da República.

A sua previsão é genérica, ampla, a saber que a monarquia ficou atrás no passado e que a humanidade entrou em nova fase. A monarquia e a república em que diferem nos olhos da anarquia? Eu não creio que a religião tenha já fechado o seu ciclo, e, pelo menos em quanto ele durar, a fase monárquica da civilização estará também longe do seu fim. Não existe, acredite, uma civilização americana destinada a substituir a europeia; o que temos não passa de uma espécie de protecionismo político, sem gênio inventivo, sem habilidade de execução, de mão de obra inferior, sem o talento sequer do plágio, e cujos produtos, como os da indústria protegida, não passam de grosseiras falsificações dos modelos copiados. O protecionismo na política, ciência, literatura ou arte, religião, qualquer que seja a sua pretensão na indústria, é uma barreira apenas de ignorância. Eu não tenho essa visão do futuro. Não chego a dizer, como o dr. Dollinger que os reis serão os últimos do mundo, reges erunt in orbis ultimi, mas se não vivíssemos até depois do Diuino Universal do colitíviano e da anarquia, é provável que vissemos ainda um dia a América toda monárquica. Que forma de monarquia não inquiri.

É preciso não esquecer que tanto a América Inglesa como a Espanhola, só adotaram a forma republicana por lhes faltar a matéria prima da monarquia, o elemento dinástico. Monarquista era o grande Hamilton, "considerado como justiça o fundador da nação americana" (Goldwin Smith, American Statesmen); monarquista era Rivadavia, "o único governante, depois de Washington, que marcou na América o mais alto nível do homem de governo de um povo livre". Mitre (San Martín); monarquistas eram Belgrano, San-Martin, o próprio Bolívar; era o grupo mexicano do "Pano de Igualdade com Turbidez à frente".

Desgosta-o o meu pessimismo a respeito da América do Sul. Que impressão, porém, lhe causam estas dolorosas palavras caídas de uma pena tão prevenida a favor da democracia como era a de Tocqueville: "Quando penso na alternativa de miséria e de crime em que vivem aqueles países sob o jugo de um senhor, não me dá vontade de pensar que para eles o despotismo seria um benefício".

Não discutirei a questão — se a volta da monarquia é possível ou impossível. A impossibilidade da Restauração não poderia obrigá-los em consciência, pensando como penso, a subordinar o meu modo de sentir ao do maior número. Sei que é tão difícil a restauração da religião, da família, da sociedade. Em política, porém, nada é mais raro do que a faculdade de discernir o que está morido do que está apenas interrompido. Quem sabe por que misteriosa renovação não pode estar passando debaixo da terra brasileira a planta que tanto tempo lhe deu sombra? Na sua carta mesmo há como que recios de que a ressurreição seja possível. Não dá ela como um dos impedimentos para a volta da monarquia o veto norte-americano? E não é isto identificar as duas ideias de monarquia e Independência? Não está também o seu espírito cheio de previsões acuradas?

(Continua na página 73)

Uma auto-definição - Martin Francisco

Entrai para o Colégio Pedro II, pergunta Joaquim Nabuco. Não se trata de revirar o bacharel. Mas, ao mesmo tempo, a Academia de Direito, justamente quando Nabuco terminava o curso. Tomei a palavra na Câmara dos Deputados quando lhe ia ser recusada a renovação do mandato. Quando eu saía sempre que eu entrava, dizia-lhe numa roda parlatória, e ele nunca esqueceu. E, quando eu, dez anos depois, fui eleito deputado especial que cuidava da intimidade com o governo, e que o caloroso bem-vindo lhe dedicou o seu veterano e apaixonado notário.

Paulo, o velho carlinho. Disparando em data, uniformes no espírito, exprimem as ideias, o homem que entendi e que eu, o Joaquim Nabuco, fui, pensador e sonhador; indolente como pontos, indolente como a própria indolência.

Joaquim Nabuco foi uma das mais belas páginas da inteligência nacional. Nem com o tempo mais brilhante. Na pequena campanha da abolição do tráfico de escravos, seu fulgor presidiu e dominou o mais interessante e interessante das campanhas: a da esperança.

Tudo quanto se refere a essa enorme individualidade constitui uma obra, típica da história pátria: certo, como um indivíduo, essas três cartas não se prejudicam.

Rio, 22 de março de 1899. — Meu caro Martin Francisco, agradeço-lhe muito o seu o tratamento do livro de Kopas, que lhe tomara emprestado pelo tempo da minha Comissão para levar uma lembrança sua

Francisco. Ser-me-á sempre uma agradável lembrança a da manhã que passei em sua casa, lá, perto do túmulo de José Bonifácio, ouvindo-o e vendo as suas ideias e documentos; e a de outra manhã em que v. veio comigo até ao Alto da Serra. Temos ambos a religião da saudade.

Meus votos são que v. e os seus tenham sempre paz e tranquilidade íntima e que v. não deixe de pensar em obra a que em tanta quiescência v. se ligou a seu nome — "Os Andradas". — Poder-se-ia tanto acusar os conselhos os homens por não terem produzido acontecimentos mais oportunos ou mais corajosos para os seus filhos mais perfeitos. Não somos apenas agentes da Inocência. Nem se pode nunca saber como as coisas teriam corrido se alguma tivesse sido diferente. O melhor é explicar, com a compreensão da época e fazer a compreensão das coisas que não tem tempo para v. as lentes.

As vezes um escritor pode criar uma legenda. No todo disse-me muito mais mal que bem dos Andradas, aos quais, entretanto, a prudência nacional ficou invariavelmente fiel. As figuras deles não estão, porém, ainda bem delineadas, nem as situações que os levaram a ter procedimentos, atitudes, aparentemente contraditórios com a sua própria legenda popular. Foram eles alguma vez imponentes, ou acompanharam a popularidade nas suas evoluções? O caráter e o gênio de cada um merece um retrato à parte e a conjunção da influência tripla que eles exerceram também precisa ser explicada. No todo há muita fascinação no mistério

que eles continuam a ser em nossa história.

Algumas destas observações são provocadas pelo que v. me disse de seu desacordo com eles sobre alguns pontos da nossa Independência em 1822. Adens, meu caro amigo. Mil felicidades. Do seu velho camarada Joaquim Nabuco.

C

"Brazilian Embassy, Washington, 28 de dezembro de 1909. — Meu caro Martin Francisco, muito lhe agradeço ter-me mandado o seu discurso do Instituto, que tem isso em teria perdido. É um perfeito retrato do orador, e, o que é mais, uma síntese Andrada. São Paulo devia ter um Prataux.

Parece-me duro v. ter dado as honras todas da Hala ao Rio Branco, suprimindo o Rui. O "sic vos non habet" é tão essencial na Diplomacia como na Guerra; os que não comandam em chefe devem deixar ao general as honras da ação; mas, nesse caso é injusta eliminação do quadro o agente; e nota do mais do que uma injustiça da parte de um espírito como a seu.

Estou agora absorvido em Platão, pelo qual comeci em 1871 e 1872. E curioso essa rotação da inteligência, que volta ao ponto de partida: V. na minha pequena biblioteca: a Bíblia, os Diálogos de Platão, a Moral de Aristóteles, as obras filosóficas de Cicero, as obras de Plutarco, Marco Aurélio e alguns mais. E um velho espiritual, como v. vê, à moda antiga. Muito feliz uma nota. Do velho camarada Joaquim Nabuco".

(Contribuindo).

rio que eles continuam a ser em nossa história.

Algumas destas observações são provocadas pelo que v. me disse de seu desacordo com eles sobre alguns pontos da nossa Independência em 1822. Adens, meu caro amigo. Mil felicidades. Do seu velho camarada Joaquim Nabuco.

C

"Brazilian Embassy, Washington, 28 de dezembro de 1909. — Meu caro Martin Francisco, muito lhe agradeço ter-me mandado o seu discurso do Instituto, que tem isso em teria perdido. É um perfeito retrato do orador, e, o que é mais, uma síntese Andrada. São Paulo devia ter um Prataux.

Parece-me duro v. ter dado as honras todas da Hala ao Rio Branco, suprimindo o Rui. O "sic vos non habet" é tão essencial na Diplomacia como na Guerra; os que não comandam em chefe devem deixar ao general as honras da ação; mas, nesse caso é injusta eliminação do quadro o agente; e nota do mais do que uma injustiça da parte de um espírito como a seu.

Estou agora absorvido em Platão, pelo qual comeci em 1871 e 1872. E curioso essa rotação da inteligência, que volta ao ponto de partida: V. na minha pequena biblioteca: a Bíblia, os Diálogos de Platão, a Moral de Aristóteles, as obras filosóficas de Cicero, as obras de Plutarco, Marco Aurélio e alguns mais. E um velho espiritual, como v. vê, à moda antiga. Muito feliz uma nota. Do velho camarada Joaquim Nabuco".

(Contribuindo).

Q. juízo de Jusserand sobre Joaquim Nabuco

Quando Nabuco faleceu, Jusserand, que era também embaixador em Washington, enviou ao governo do seu país a seguinte nota:

"14 de fevereiro de 1910. N. 69. Washington, 31 de janeiro de 1910 — O sr. Nabuco, embaixador do Brasil, faleceu em Washington, em 17 de janeiro.

Este diplomata, que há muito tempo servia o seu país, honrando-o pela nobreza do seu caráter, pela superior e justa critério de que era dotado e por uma elevação moral, jamais denegrida por qualquer consideração pessoal, gozava da estima e, pode-se afirmar, de universal admiração.

Manejando a nossa língua com admirável perfeição, apesar de ter sido educado no Brasil, o sr. Nabuco deixou, além de importantes obras em português, um volume de pensamentos e recordações da juventude, por tal forma notáveis na essência e na forma, que o sr. Fagnel, fazendo a análise da obra, não acreditou que o autor fosse estrangeiro e salientou, no seu artigo de crítica, que o nome indicado como o do autor do livro era, naturalmente, um pseudônimo.

O sr. Nabuco deixa também uma tragédia, manuscrita, em verso francês, e acerca da qual não há exagero em afirmar-se que algumas passagens têm o cunho característico de Corneille.

Sensibilizado, tanto como qualquer de nós, pela catástrofe da França, em 1870, o sr. Nabuco arvorou-se em porta-estandarte, junto dos nossos amigos da América do Sul, da causa da civilização universal, expondo, nesse livro, as angústias que experimentou na sua mocidade, chocado pelos desastres da França. A tragédia, muitas vezes revista, não lhe saiu do pensamento, e o sr. Nabuco mencionava publicamente, quando a morte o surpreendeu. Um retrato de ascetismo, recordando o ano terrível, ornava as paredes do quarto onde morreu; assim, até falecer, nunca o quadro lhe saiu do alcance da vista.

O presidente Taft assistiu, com os principais dignitários, dos Estados Unidos, o Corpo Diplomático e considerável multidão, aos funerais do Embaixador, cuja ação política, secundada a do sr. Root, sempre foi dirigida no sentido de uma aproximação íntima entre os dois países. O seu corpo vai ser transportado para o Brasil a bordo de um navio de guerra americano, onde o esperam a sua digna viúva e cinco filhos, que daqui seguirão alguns dias antes. — JUSSERAND".

("Jornal do Comércio" — 21 — Março — 1910).

noite iluminada, a sua silhueta imponente, alheando-se, sobranceiro, entre Root e Rio Branco. Tinha o busto um pouco reclinado para a direita, em atitude de quem descansa. Estava sereno e calmo. No meio daqueles dois homens de estatura comum, magro um, gordo outro, a sua alta e elegante figura sobressaía com um relevo inconfundível. Sobre ele centraram-se, desde logo, todos os olhares. Nabuco pareceu ter compreendido aquela admiração.

Imobilizando-se ainda mais, deu então à sua atitude um ar impassível, de uma serenidade olímpica, como se naquele instante, colocado diante da objetiva da História, quisesse legar à posteridade o modelo ideal da sua própria estátua.

JOAQUIM NABUCO - Oliveira Viana

(Da Academia Brasileira)

Nabuco pertencera já à última geração de parlamentares, em que os oradores, mantendo embora a linha tradicional de nobreza e dignidade, não afetavam mais a toada intencionalmente solene dos oradores do 1º Império e da maioria. O seu alto sentimento estético, o seu bom gosto congenital o afastava, aliás, desse gênero triângulo, cujo maior representante, por mais literário e mais culto, foi, por certo, Sáes Torres Homem. Nas suas arruadas aquilinas ou na veemência das suas apostrofes, nunca descalo nos preciosismos da base e pode manter, de uma forma invariável, nas suas frases, esse equilíbrio ático, que os temperamentos verdadeiramente artísticos sabem sempre encontrar, mesmo nos maiores lances de inspiração e entusiasmo.

De dom, e o esplendor das suas metáforas, e a sonoridade da sua voz, ampla, cheia, de uma dureza de timbre incomparável, destacavam-no vivamente e o singularizavam entre os seus companheiros de parlamento, aqueles oradores lucidos e facéis, que dominaram os últimos decênios do Império — Cotejipe, Murthino Campos, Ferreira Viana e Lafayette.

Neste ponto, a contribuição das províncias parece ter sido específica, cada qual ao seu jeito e índole. O sul, como Minas, São Paulo e Rio de Janeiro,

deu-nos oradores graves e sensatos, como Eusébio, Ilabral e Uruguai, discutindo com grande seriedade as atribuições do poder moderador e a fala do trono. Pernambuco, ao contrário, trouxe para aquele ambiente austero as audácias, os entusiasmos, as impulsividades do liberalismo radical. Na bancada baiana, os seus oradores primavam pelas declamações entulhadas, os remosques, a ironia ácida, a elegância e a subtilidade da dialética, os sofismas escoregados e essa estratégia desconcertante dos trocadilhos mentais, dos duplos sentidos, das frases equívocas, em que era mestre o velho Cotejipe.

O que, porém, mais nos encanta em Nabuco é o artista da palavra. De-nos a sua prosa uma suave impressão de repouso e de serenidade, com os seus períodos fluidos e mansos, de um andamento quase imperceptível, como o das águas dos grandes rios na proximidade dos estuários. Sent-se ali a atenção vigilante do artista, aguardando a correnteza da ideia, raliando a fluência do estilo e a amplitude dos seus ritmos. Mas, de tal maneira o faz e com tal arte, que desses carinhos de fatura mal se apercebe o leitor.

Não sabemos se Nabuco teve realmente uma grande cultura clássica; mas, as suas maneiras

literárias parecem revê-la. Há, em muitas das suas páginas, a pausa, o equilíbrio, o claro ritmo traçoquilo das belas obras gregas. Nenhum dos nossos escritores possuía como ele, em cunho tão acentuado, essas peculiaridades áticas da forma. Sobre esse aspecto, eis nos pareceres únicos entre os nossos escritores, como Renan o é entre os prosadores franceses contemporâneos.

— Il y a de la fièvre — dizia Zola do estilo de Taine. Os nossos melhores escritores padecem, em regra, como Taine, dessa trepidação febril do estilo, sorte de nervosismo ou pressa, que perturba de certa maneira no leitor a percepção integral da emoção estética. Nos seus últimos escritos, Eusébio da Cunha, por exemplo, nos dá às vezes, a sensação de uma rapidez fúlgida, que chega a ser incômoda. Mesmo Machado de Assis, a despeito das suas características de ateísmo, não se pode eximir, de todo em todo, a essa tendência.

Em suma: Nabuco escritor era Nabuco gentleman. O estilo era nele, mais do que em ninguém, o homem. Ele vestia as suas ideias como se vestia à si mesmo; com o nonchalance de um Brummel artista e a pureza ateniense dos aristocratas por instinto.

Dele se pode dizer que a natureza violou as suas leis de compensação para o fazer perfeito: nele a superioridade inte-

lectual e moral realçava ainda mais a beleza física.

Não é prodígio a natureza desses prodígios de harmonia entre o corpo e o espírito. A antiguidade helênica, que praticava, aliás, a cultura intensiva da beleza plástica, cita em Alcibiades, talvez, o seu mais puro espécime de um belo espírito aliado a um belo corpo. Nabuco, neste ponto, era um privilegiado. Quando, pela primeira e última vez, o vimos, foi por ocasião da visita de Elihu Root, o grande secretário americano. Ele já estava velho, com a sua radiosa cabeça de meridional completamente branca; mas, da sua figura guardamos uma recordação indelével.

Foi no palácio Monroe. Nos, os estudantes, passávamos, vibrantes, numa ruidosa marcha até flambeou, em homenagem ao estadista americano. No patamar da escadaria central enfileiravam-se o corpo diplomático, os embaixadores do Panamericano, as altas autoridades civis e militares. Em baixo, sobre a multidão sussurrante, milhares de baifes venezianos, espiando, aos boléus, nas pontas das bengalas, agitavam fantásticamente os seus globos polí-

crômicos.

Houve um momento, em que, já em cima, acenderam um facho de fogos cambiantes; e, dentro do seu repentino e aguçado clarão, no alto, no primeiro lance da escada, Nabuco de casaca, destacou, nitidamente, na

JOAQUIM NABUCCO, Dramaturgo - L'Option

Drame en cinq actes, en vers, écrit en 1876-1877.

ACTE V

Mime décor

SCÈNE UNIQUE

HENRI, HELENE, ROBERT, puis CLOTILDE, le DUC, BELFORT, WALDEMAR, HERZ, L'ABBE KIRCHBERG.

HELENE (attirant Robert à elle)

O mon fils, mon enfant! Plus près! que je te vole, Robert, je t'attendais, et c'est Dieu qui t'envoie!

ROBERT

J'ai reçu vos deux noms et le dernier d'entre eux. Que je renoncerais, c'est le plus malheureux. (Montrant Hélène.)

Je dois payer le prix infini de ses larmes. Mon père, en refusant de porter dans mes armes, l'aigle de Prusse avec l'aigle de Brandebourg. La noire emportant Metz, et la rouge Strasbourg.

HENRI

Ainsi, tu n'avais pas assez d'être un transfuge; Il te faut plus encore et tu le fais mon juge. Qui donc a pu rayer de ton cœur ce serment, que j'avais fait pour toi, de soldat allemand? Cette première loi, dans le sang même écrite: On n'adopte jamais sa patrie, on l'hérite!

(A Hélène.)

Vous avez réussi! Vous les avez données, Mes enfants, à la France, avant qu'ils fussent nés. Pour m'infliger de coup de cette peine amère, Vous avez violé le dépôt de la mère. Je puis vous pardonner: rendez à mon pays L'héritier de mon nom...

HELENE

Non! Je reprends mon fils Pour ma part. Que la France, après ce long supplice, Sache que je ne fus jamais votre complice. Lorsque, par mon amour, je devins l'instrument, Sans m'en douter, mon Dieu, de son démembrement.

ROBERT

Non! elle ne m'a dit jamais dans mon enfance Un mot où l'Allemand pût trouver une offense... J'aurais vos deux pays en vous aimant tous deux. Et le jour seulement où, devant moi, l'un d'eux Tombait aux mains de l'autre, en mon âme meurtrie, J'ai senti que j'avais une double patrie.

HELENE (rassérénée)

Et Français, à moitié, Robert, je t'ai conçu. C'est que Dieu même a fait son oeuvre à mon insu. Et qu'il a rejeté mon entier sacrifice. Oh! la miséricorde est sa grande justice! Pourquoi ne suis-je née au temps de nos succès. Quand un fils de Française était toujours Français? Tu m'apportes, mon fils, à défaut de courage, La force du pardon, et la pitié soulage...

HENRI (à part)

Je n'ai plus rien à faire ici: dès ce moment. Je serais, pour tous ceux que j'aime, l'Allemand.

(Henri veut sortir. Clotilde, qui entre, le retient.)

CLOTILDE

Vous n'irez pas mourir seul, au loin, sans famille.

HENRI (doucement, l'écartant)

Laisse-moi.

CLOTILDE

Vous avez oublié votre fille. Mais je m'attache à vous; où vous irez, j'irai. Ne me repoussez pas. Parions! Je vous suivrai. (Embrassant Henri et se plaçant à côté de lui, [en larmes, à Hélène].)

Mère, vois désormais quelle sera ma place... Il est mon père et non le conquérant d'Alsace...

HELENE (lui souriant, émue)

Tu n'es jamais aimé qu'à te dévouer, toi!

CLOTILDE

Il n'a personne, lui, personne, excepté moi...

HELENE (l'approuvant)

Et Roger?

CLOTILDE

Il m'a dit: "J'ai deux espoirs dans l'âme: L'Alsace, mon pays; vous, qui seriez ma femme." S'il en perd un, du moins l'autre lui restera. C'est toujours au milieu d'un rêve qu'il mourra.

ROBERT (courbant le genou devant Henri)

Père, votre pardon!

HENRI

La douleur qui m'opprime Ne me laisse pas voir où s'arrête ton crime... Accomplis ton destin: mais tu ne pourras, toi, Te plaindre, si jamais, comme j'en ai la foi. Ayant un fils, il veut reprendre son vrai titre; S'il se place entre nous, s'il se fait notre arbitre, Et que, trouvant alors son grand-père innocent, Il rattache en la vie encore le noeud de sang. Répète-lui l'appel que j'adresse sans crainte A ton premier-né, moi; laisse-le, sans contrainte, Décider qui de nous lui transmettra son rang: Le père déserteur, ou l'aïeul conquérant.

(Une pause)

ROBERT (très faible, bas à son père)

Non, père, ne crains rien pour le nom de ta race. Mon partage entre vous ne laisse aucune trace. Je meurs soldat prussien; le reste est à l'oubli. Mon secret dans la mort est bien enseveli... (Doucement, voyant l'alarme de son père.)

Où, je ne vivrai pas...

HERZ (entrant)

Hier, en ma présence, Recutant des propos trop cruels pour la France, Il les a relevés, se croyant offensé. Un combat s'ensuivit, il en sortit blessé; Et, malgré le péril d'une si long éclipse, Il parait, seul, la nuit...

HENRI

Oh! le coup qui me frappe!...

HERZ

Voulant, il m'en montra la ferme intention, Se donner à vous deux le jour de l'option.

ROBERT (très faible)

Je dois vous dire un mot, un seul, pour ma défense. Qu'il ne vous blesse pas, n'y voyez pas d'offense...

HENRI (à Herz):

La blessure, où fut-elle?

HERZ

A travers le poumon.

ROBERT

Ce fut le jugement, père, de Salomon.

(Pause.)

J'héritai vos deux sœurs, leurs haines, leurs colères; J'étais au confluent de ces courants contraires. Se repoussant, l'un l'autre, et débordant tous deux; Je flotterais toujours comme un débris entre eux. Je ne puis effacer l'empreinte de ma mère. Aucun cœur ne détruit lui-même sa chimère... Neutre entre vos pays, je me voyais errant. Aujourd'hui sans patrie et demain émigrant.

(Il fait un geste comme voulant montrer un pays lointain.)

J'étais dans ton foyer un étranger, un hôte. Père, pardonne-moi! Ce ne fut pas ma faute.

HENRI

Oh! non! Ce fut la mienne, en voulant assembler Ce qui ne peut encore s'unir et se mêler...

HELENE (voyant sur le mouchoir que Robert tient à la bouche une tache de sang)

Ribert! Du sang! Mon fils!

ROBERT

Où, je meurs pour la France, Et je l'apporte ainsi, mère, la délivrance. Votre erreur à tous deux, je la répare, moi...

HENRI (à part)

La nature et l'honneur, c'est une seule loi.

ROBERT

Vos pays sont toujours en marche vers la gloire. Ils se rencontreront encore dans l'histoire. Et Dieu seul sait quel prix alors vaudra la paix. Ce que paieront pour elle Allemands et Français. Quand tous deux ils n'auront qu'une pensée unique, On pourra dire enfin: "Le monde est pacifique".

CLOTILDE (qui est entrée, à Robert)

Mon Robert! Souffres — tu? Mon frère, tu n'as-tu pas des fièvres?

ROBERT (à Clotilde avec un sourire)

Ce qui germe trop tôt ne peut durer longtemps.

(Puis à Henri)

Père, tu l'as senti par ta propre souffrance. L'Allemagne elle-même a besoin de la France.

(Henri fait un geste de profond assentiment. L'abbé Kirchberg, qui a été appelé, entre et s'approche de Robert; ils se parlent à voix basse; tous s'éloignent. Il l'absout. Les grandes fenêtres du fond ont été ouvertes et l'on voit la Cathédrale à l'horizon illuminée par le soleil. Entrent Belfort, le Duc et des vieux serviteurs.)

ROBERT (montrant la fenêtre)

Ouvrez tout! Je voudrais, pour la dernière fois. Voir, au soleil couchant, la Flèche... Je la vois. Mère, regarde-la, la vieille cathédrale; Elle est le testament de foi nationale. Comme elle, bâtissons dans nos cœurs, lentement, Une autre cathédrale, un autre testament... Mettons tout en commun, tout, excepté la haine! N'ayons qu'un seul amour, pour l'Alsace-Lorraine! Quel que soit son destin, c'est là notre pays. Qu'il garde la fierté des peuples envahis. Tant que, dans son foyer, en éternel otage, En terre le frontière, entrera l'esclavage... De longs siècles déjà, de chagrin en chagrin. Les larmes de ses yeux enfant les fiots du Rhin... Sa seule loi, toujours, fut le fer, la conquête. Et le glaive est encore suspendu sur sa tête... Maintes fois on sema sur son sol ravagé D'autres races: son cœur et son sang fut éparpillé. Nul pays n'encourt fortune si cruelle. Mais sachons bien l'aimer, notre Alsace fidèle. Et, comme cette Flèche a monté dans l'azur. Doucement, par degrés, du vaste amas obscur, Elle verrait encore, en sa nuit de souffrance, Du fond de sa douleur, se dresser l'espérance. Aux saluts de l'amour allemand et français. Vers le jour lumineux de l'immuable paix.

Il expire, le regard tourné vers la Flèche, souriant à ceux qui l'entourent.

HENRI (voyant Robert mort)

"Bienheureux les doux, car ils possèdent la terre" O monde, est-ce donc là la clef de ton mystère?

(Henri et Hélène se regardent anéantis, en sanglotant, auprès du corps de Robert. Puis ils se relèvent lentement.)

HELENE (tendant la main à Henri)

Je sens la mort bien près... J'ai le cœur arraché. Je vivrai comme un lierre à sa tige attaché... Mais vous,

Avec grande émotion et montrant Waldemar agenouillé.)

prenez Clotilde et faites qu'elle oublie...

HENRI (avec une invincible tristesse)

Hélène! C'est la mort qui nous réconcilie!

(Paris. Librairie Hachette et Cie. 1910.)



Mas foi a sua sorte morrer longe da pátria e é uma solução para todos os brasileiros que veneram o seu nome, que ele na sua posição de banido recebesse ainda da glória da Nação Francesa as supremas honras que ela pode tributar. No dia de hoje o coração brasileiro pulsa no peito da França.

A vida de Joaquim Nabuco - Medeiros e Albuquerque

Um discurso de Nabuco em Belo Horizonte

O livro de d. Carolina Nabuco sobre a vida de seu ilustre pai é talvez o mais perfeito desse gênero que se tem publicado entre nós. É uma biografia, admiravelmente bem organizada.

A autora soube tomar uma atitude, que dá a ilusão de inteira objetividade. Nunca ocupa o primeiro plano. Parece deixar sempre que os documentos falem por ela. É sóbria, é correta, é elegantíssima na simplicidade de sua frase.

Erigiu a seu pai o mais nobre monumento.

Que, entretanto, a impressão dada por esse livro seja a verdadeira — não me parece. Toda biografia é, porém, sempre, mais ou menos falsificada. Ou, se a palavra parece excessiva, pode-se empregar o termo em voga, agora, que tanto se fala em biografias "romanceadas".

Nem sempre, entretanto, os falsificadores ou romancistas agem sinceramente ou por motivos dignos. Tratando-se, porém, de d. Carolina Nabuco, pode-se estar certo de que ela agiu por motivos nobilíssimos, impregnada do grande amor e veneração, que sentiu por seu pai.

O seu livro é tão admirável, que levou vários escritores a partilharem o entusiasmo, chegando aos excessos mais excelsivos.

Assim João Ribeiro escreveu que, quando Joaquim Nabuco foi convidado a advogar a nossa causa no litígio do Brasil com a Inglaterra, a República precisava mais dele que ele da República. Humberto de Campos foi até falar em "semi-deus"... Sic itur ad astra... Um pouco mais — e chama-lo-iam logo um deus!

Há, nessas apreciações, um exagero evidente.

Joaquim Nabuco foi um homem bonito.

E' por aí que se precisa começar, porque essa qualidade explica nele quase tudo mais.

Pode-se até lembrar um pormenor, que mostra como ele cultivava certas faccínas: algum tempo usou uma pulseira feminina de ouro, que fazia grande efeito nos seus gestos de oratória...

Na vida pública, brilhou como um grande orador. Ele o foi, de fato. Para os oradores, a beleza física é uma grande qualidade.

Alto, majestoso de porte, com uma voz admirável, com uma presença formosa, irradiante de simpatia, produzia uma forte impressão.

Fez, por isso, na campanha abolicionista, um belo papel.

Esse papel tem, entretanto, sido cantado e decantado, como um assombro. Alega-se por exemplo, a título de ato heroico, que tenha abandonado a política tradicional da sua família.

No entanto, ele soube conduzir-se muito prudentemente nesse abandono. Foi até onde podia ir sem muito prejuízo pessoal.

E' mesmo disse que só não subscrevera o manifesto republicano de 1870, porque não quisera romper com o pai. Não cortou a retirada atrás de si... Divergiu apenas da corrente dos deus em uma questão que, embora muito importante, não chegaria a ser decisiva. Podia-se ser, e muitos o eram, abolicionistas e monarquistas...

Mas, indo mesmo ao extremo, não é preciso lembrar que em quase todos os movimentos políticos há homens eminentes saídos do regime anterior e que vão muito além do que foi Nabuco.

Republicano — declarou-se o sr. Afonso Celso Junior. E' verdade que, depois de proclamada a República, voltou atrás; mas todos sentem que a sua transformação posterior foi devida a um nobre movimento de solidariedade com seu pai, porque foi nas mãos deste que se deu a catástrofe do Império. Tivesse a monarquia sido proclamada quando João Alfredo era presidente do Conselho — e Afonso Celso teria ficado com a República.

Em todo caso, se isso são apenas conjecturas, o incontestável é que o sr. Afonso Celso Junior teve a coragem de romper com todas as suas tradições de família e proclamar-se republicano. Foi muito mais longe que Nabuco.

Na Revolução Francesa grande número dos mais ativos de seus membros vinham da antiga nobreza, da qual se divorciaram. E é assim sempre, em toda parte.

Quase que dá vontade de ir até o gracejo e lembrar que é assim até no céu.

Conta-se de um judeu que, tendo morrido e ido até a presença de Deus, prostrou-se aos pés de Jeová. Acusou-se então do que lhe parecia o seu pecado máximo:

— Senhor, eu não soube impedir que meu filho se tornasse cristão.

E o velho Padre Eterno, lhe disse, consolando-o:

— E o meu? Pois ele não fez o mesmo?

De fato, os Evangelhos contam a revolução de meiguice e bondade de Cristo contra Jeová, o deus áspero e implacável do Antigo Testamento.

Essa é a história de Buda; essa a história de todas as religiões; de todas as reformas religiosas, de todos os grandes movimentos sociais.

No Brasil, muitos dos grandes chefes revolucionários vieram de famílias monarquistas. Nem podia ser de outro modo! Assim, o que Nabuco fez não teve nada dessa grandiosa epopeia, que alguns lhe emprestam. Foi uma ocorrência banal.

Aliás, como acima se notou, Nabuco, que declarou estar de acordo com o manifesto republicano, não o assinou, para ficar à sombra do prestígio paterno. Divergiu com prudência, sobre um ponto que era, no fim de contas, secundário...

E' interessante notar que ele mesmo, fazendo a história da Abolição, pôs no mais alto relevo o seu próprio papel, mas esqueceu o de Castro Alves. E, entretanto, em vão se perguntará a alguém se se recorda de algum trecho de discurso, ou de alguma frase do grande orador. Mas não se achará entre homens

de letras um só que não se lembre ao menos de parte de alguma das formidáveis poesias, com que Castro Alves contribuiu para o movimento abolicionista.

Assim, não se chega a compreender o assombro com que os admiradores de Nabuco dão como um ato sobrehumano que ele se tenha declarado abolicionista.

Ele contribuiu para esse movimento com a sua eloquência. Mas da sua eloquência o sucesso em grande parte foi devido à sua beleza física. Por mais mesquinho que pareça insistir nesta nota — esta nota é que domina tudo na vida de Nabuco.

A afirmação de que, quando chamado a defender a nossa causa contra a Inglaterra, a República precisa mais dele que ele da República não pode ser mais inexata.

Nabuco não estava em condições prosperas. Ao contrário! Bem ao contrário! José Carlos Rodrigues, seu íntimo amigo e que sabia isso, sugeriu-lhe o nome a Campos Sales para nos representar.

E que resultou daí? Ele perdeu a nossa causa.

Falta acrescentar muito depressa que provavelmente qualquer outro a perderia. O rei da Itália, podendo ser amável para com a Inglaterra à nossa custa, muito naturalmente agiu como agiu, fosse qual fosse o advogado.

Mas se não tivéssemos escolhido um republicano e ele houvesse perdido o nosso pleito, pode-se bem imaginar que clamor se levantaria contra a diplomacia da República. Ouvir-se-ia perguntar em toda parte: "Por que não chamaram algum grande nome tradicional?" "Por que não chamaram o Nabuco?" Chamamos. Ele perdeu...

E, no entanto, a diplomacia republicana tem nomes, que valem alguma coisa...

Nós já vimos os Estados Unidos, a França, a Alemanha e o México virem recorrer à competência de um árbitro brasileiro, republicano de sempre. E a prova de que ele fez brilhante figura está em que, depois de uma cálmia que um jornalista infame contra ele lançou, mas cuja falsidade foi obrigado a confessar, duas outras nações ainda o elegeram seu árbitro.

Nós estamos vendo a Liga das Nações, quatro anos depois de a termos deixado, ainda alegar com respeito o que já se chama a "doutrina Melo Franco" sobre as minorias europeias com as quais nada temos.

E há Raul Fernandes. E há outros.

Mas se Rodrigo Otávio ou Afrânio de Melo Franco tivessem sido os advogados do Brasil em uma questão como a da Guiana Inglesa e a sentença nos fosse contrária — ai deles! Proclamaria-se por toda parte que só à incapacidade isso fora devido.

Ler, portanto, que a República precisava mais de Nabuco do que este dela — é um pouco forte... Tanto mais forte quanto ele perdeu a causa, que lhe foi entregue. Materialmente, brutalmente ou (se se quer dizer a coisa de um modo mais delicado) pragmaticamente, esse caso pelo menos é irrecusável.

Talvez tenha aliás havido um certo erro psicológico na escolha de Nabuco para a missão que lhe foi dada. Ele seria um bom diplomata para certas missões de aparato em épocas calmas. Dado, porém, o seu fêlito intelectual, ele não servia para agitar-se a captar simpatias, quando isso era urgentemente necessário. Vê-se pela sua correspondência que ele se aborrecia soberanamente dando banquetes a uns e a outros. Era homem sempre disposto, não a prestar, mas a receber homenagens... Estas, ele só as prestava sem dificuldade a grandes mortos...

O banquete é, porém, uma arma de combate normal e eficazíssima, quando o bom diplomata sabe usar dela. Rio Branco era habilitíssimo no recurso a esse meio. Nabuco enfiava-se.

E' negável que esse belo homem tinha um certo narcisismo.

Escreveu, primeiro a vida do pai, quase pode dizer-se, para construir o seu próprio pedestal. Começou desse modo a sua auto-biografia uma geração antes de ter nascido.

Quem lê esse livro, tem a convicção de que o velho senador Nabuco foi a alma do Império. Não descobriu o Brasil nem fez a Independência porque Pedro Álvares Cabral e José Bonifácio, com lamentável indiscrição, já o tinham feito. Quanto ao mais ele fez tudo. Com um pouquinho de coragem, Joaquim Nabuco começaria a vida de seu pai mais ou menos como S. Mateus começou o seu Evangelho, dando a genealogia de Cristo. Nabuco parecia estar certo de que Deus só criara o mundo para nele criar a América; só criara a América para nela criar o Brasil; só criara o Brasil para nele criar o senador Nabuco, e só admitia que este nascesse, para que tivesse a ele, Joaquim Nabuco, como seu filho...

Por isso, depois da biografia do pai, ele empreendeu a própria, no livro *A minha formação*.

Mas quem o tenha conhecido, compreenderá facilmente a admiração que suscitava. Porque tinha ademanos realmente sedutores; deixava-se admirar com elegância. Não tinha a valde vulgar. Era um belo tipo todo de harmonia. Possuía realmente qualquer coisa de suavemente olímpico.

Foi um bom escritor, sobretudo porque para o que escreveu levou exatamente essas qualidades de ordem, de serenidade, de meio termo. — não atingindo as subtilidades que os admiradores nele descobrem, mas não tendo também nada de menos correto ou menos nobre.

Sem, portanto, chegar à sua canonização ou à sua apoteose, sem elevar Joaquim Nabuco a categoria de super-homem, pode-se e deve-se ter uma grande simpatia por essa figura moral e fisicamente bela.

Quem faz biografias, mesmo parecendo conservar-se à distância, objetivamente, tem, na escolha de documentos e citações, o recurso essencial para dar a impressão que deseja.

Vagamente eu desconfio que, se alguém que conhecesse inteiramente minha vida dela só citasse meia dúzia (1) de fatos, poderia com eles provar que eu merecia ser canonizado...

Vale, porém, a pena tomar o livro de d. Carolina Nabuco como uma obra de arte. E em tais condições, sem o desejo de fazer compensações, sem favor nem amabilidade, pode-se garantir que é um livro magnífico.

(1) Talvez meia dúzia seja muito... Mas, ao menos, um ou dois sempre, se poderia obter... embora com grande dificuldade. ("Jornal do Comércio" — 14-4-1929).

Em Setembro de 1906, Joaquim Nabuco visitou Belo Horizonte. Foram-lhe tributadas ali grandes homenagens. Tendo recebido uma grande manifestação popular, o escritor agradeceu no discurso que abizou publicamos, e que é, cremos, uma página hoje inteiramente desconhecida do grande escritor brasileiro.

O Sr. Joaquim Nabuco: — Meus srs. E' preciso voltar muitos anos atrás para ver-me falando ao povo, recebendo aclamações como esta, a que descoberto.

Islo me transporta aos tempos da abolição, em que essas reuniões eram frequentes em que esse contato era diário em que eu era o órgão, a tectia do sentimento, da aspiração nacional.

Eu agradeço ao povo de Belo Horizonte todas as demonstrações que me tem feito e agradeço aos dois oradores que me saudaram cada uma das suas palavras, que eu peso em balanças em que se pesa o ouro.

E sempre a abolição que move o fundo da simpatia popular; é sempre a lembrança desse sonho realizado, dessa obra, à qual eu pensei que teria de dedicar toda a minha vida, mas que, pela generosidade do povo brasileiro, ficou completa em 10 anos.

Não é um indivíduo que deve merecer nunca as honras de um tal acontecimento.

Desde o princípio da campanha abolicionista lembrando-me o mito de Ulisses, depois de ter lido o Cíclope que lhe perguntava:

"Qual é o nosso nome?" e ele respondia: "Ninguém".

Eu disse que o nome de toda o verdadeiro abolicionista devia ser — "Ninguém".

Desde o começo daquela luta esse foi o meu nome. Eu tomo a Deus por testemunha de que não desejava para mim uma só parcela de reconhecimento, de lembrança, que me viesse do esquecimento de tantos nomes sempre presentes ao meu espírito e que pouco a pouco, vão se apagando na grande legião da história, nomes que eu não poderia mesmo citar porque seriam tantos que eu consideraria um crime de ingratidão incorrer na omissão de um só.

Depois da abolição, veio a queda da monarquia e esse retro a que se referiu o dr. Trofílo Ribeiro.

Eu disse em São Paulo, que tinha vindo fazer agora a meu ato de fé nos destinos do Brasil; o meu ato de esperança na evolução da República, o meu ato de amor, a esse ideal republicano que, apesar de tudo, sempre fora o meu, mas que eu não fazia ato de contrição. ("Palmas, bravos, aplausos prolongados").

Eu tinha procurado, dez anos, por todos os meios de que a minha inteligência podia dispor, decidir o Imperador, e na sua ausência a sua filha, a virar o grande golpe que somente o trono podia virar contra a instituição que nós queríamos destruir.

E quando a obra a que eu, como disse, voltara toda minha vida ficou completa, eu não podia, sendo muito lentamente, quebrar o laço que me prendia àquela que tinha sido a principal colaboradora desse grande ato nacional. ("Muito bem! Bravos!")

Foi um sentimento de piedade, foi um sentimento de dedicação, mas foi também ao mesmo tempo, devo dizê-lo, o efeito da desconfiança que, pouco a pouco, foi cedendo à prova dos fatos e sobretudo, à concepção maior de que a forma republicana tinha por si, no Brasil, a finalidade continental, por ser a forma política de todo o nosso continente e de que essa finalidade histórica destruída, uma após outra, todas as ten-

CORRESPONDENCIA DE ESCRITORES:

Carta de Joaquim Nabuco a Medeiros e Albuquerque

Julho 16^o 1901

Meu caro Dr. Medeiros e Albuquerque,

Eu queria agradecer-lhe todas as palavras de seu discurso a meu respeito, mas prefiro, pondo de lado esse trecho quasi forçado, (mas creio que devido à espontaneidade da d'arte), felicitar-lhe a bela linguagem da forma e da beleza da frase, do seu, novo estilo. O estilo com todos os seus quasi temido, uma transformação da vida, uma filosofia, a da experiência talvez, e o Sr. está entrando na regra. Em literatura a' preciso contar com o dia da concessão do Sincambro em que se tem da guimara e que se adora a

via-a-versa. Em todo o caso deu-me grande prazer ler, um prazer a que não era estranho a minha qualidade de antecessor e a de confrade. Felicite também o Machado por mim.

O sabia na festa de Gonçalves Dias não cantou da palmeira, mas cantou taufada mama.

Assim pareceu que a nossa Academia vive e funciona fora das nossas mortes. O que lhe faria grande bem, creio, seria darem-nos a nós ausentes, que somos tantos, o direito de voto. Assim continuaríamos a trabalhar por ella e com ella.

Saudades a todos os da nossa quarentena e creia-me seu

Affectuoso

Joaquim Nabuco

Julho 16^o 1901

Meu caro Dr. Medeiros e Albuquerque,

Eu quisera agradecer-lhe todas as expressões de seu discurso a meu respeito, mas prefiro, pondo de lado esse trecho quasi forçado, (mas creio que devido à espontaneidade da d'arte), felicitar-lhe a bela linguagem da forma e da beleza da frase, do seu, novo estilo. O estilo com todos os seus quasi temido, uma transformação da vida, uma filosofia, a da experiência talvez, e o Sr. está entrando na regra. Em literatura a' preciso contar com o dia da concessão do Sincambro em que se tem da guimara e que se adora a via-a-versa. Em todo o caso deu-me grande prazer ler, um prazer a que não era estranho a minha qualidade de antecessor e a de confrade. Felicite também o Machado por mim. O sabia na festa de Gonçalves Dias não cantou da palmeira, mas cantou "taufada mama".

Assim pareceu que a nossa Academia vive e funciona fora das nossas mortes. O que lhe faria grande bem, creio, seria darem-nos a nós ausentes, que somos tantos, o direito de voto. Assim continuaríamos a trabalhar por ella e com ella.

Saudades a todos os da nossa quarentena e creia-me seu

Affectuoso

JOAQUIM NABUCO

talvez inúteis de restauração na América.

Foi nesse espírito ao mesmo tempo de respeito ao passado e de esperança no futuro que eu vinha lentamente tomar o meu lugar entre os que, sob os novos institutos, estão servindo a causa do País.

Era, porém, preciso alguma coisa para preencher o vazio que tinha deixado na minha vida a campanha da abolição.

Senhores! Quem não conhece o Brasil no tempo da escravidão, quem não tomou parte nessas lutas, não pode compreender a força do sentimento que animava aqueles que queriam apagar para sempre do mapa da América a noção da escravidão.

Era um vazio muito difícil de encher e eu procurei preenchê-lo lançando nele tudo quanto minha inteligência podia produzir de melhor.

Durante cinco anos, posso dizer, estaxei-me da causa política para consagrar-me a essa obra de piedade filial a que os oradores tiraram a honradez de se referir e que não era outra coisa senão o desejo, a necessidade de louvar o meu País, nos seus homens e de fugir à obediência de só enzeperar, o lado negro dos acontecimentos, de só procurar os minus apolros para a parte do País.

Para encher esse vazio profundo era preciso uma causa tão grande, do ponto de vista nacional, como tinha sido a causa da abolição.

Esta fora uma grande cam-

panha contra a fatalidade que pesava sobre o País.

Felizmente, uma outra causa, de reconstrução nacional, não só de demolição do antigo edificio impraticável, mas de construção de alieceres sobre os quais o futuro da nossa pátria pudesse assentar para sempre, apellou para os meus sentimentos de brasileiro e a ela estou dedicando o resto das minhas forças que, vedes, estão exaustas ("não apolados") com a mesma abnegação, o mesmo desinteresse, a mesma intensidade de convicção com que eu servi à causa das escravos.

Não preciso dizer-vos, senhores, que se trata da aproximação entre o Brasil e os Estados Unidos; de procurar, entre as duas maiores Repúblicas deste hemisfério, uma inteligência e um acordo que as faça marchar sempre juntas e que aproxime, cada vez mais, o Brasil dessa civilização a que se refere o primeiro orador e que, como bem nos disse, está destinada a ser a civilização do futuro.

São estes senhores, os sentimentos que me cabia expressar em resposta à sua saudação. Uma voz simpática, porém falou em nome da mocidade e eu não posso desconhecer que é a mocidade que de norte ao sul me tem levado, pode-se assim dizer, na sua onda vitoriosa.

As manifestações que eu tenho recebido são mais do que a justa remuneração da ansiedade com que sempre procurei dar à causa da civilização brasileira o meu máximo esforço.

O que vós, estudantes de Belo Horizonte, fazeis hoje é o que fizeram os vossos camaradas do Recife, da Baía, do Rio de Janeiro e de São Paulo e isso mostra que a mocidade e em toda a parte a mesma e o seu coração um só.

Srs! Todo homem deve ambicionar ficar fiel, através da sua carreira, ao seu ideal de

jovem, mas não é só mirando-se no espelho de sua própria consciência, e mirando-se também no coração da mocidade que ele pode saber se realmente se manteve fiel àquele ideal, se conseguiu preservar essa parte de si mesmo que desejava tornar imortal, se não deixou apagar a chama divina em que seu espírito se acendeu e em que

ele por sua vez quisera também acender o espírito de seus filhos e das novas gerações.

Ah! eu sei bem que nós que aparecemos nessas ondas de emoção, de simpatia, de interesse, em que se desdobra o coração dos mocos, somos apenas fosforescências do vasto oceano do tempo; mas já é um grande privilégio, nesse mar imenso sobre o qual desce a noite do esquecimento, ser a parte da vaga que um instante illumina o reflexo divino da mocidade. ("Palmas, bravos e aplausos prolongados").

Deixei-me repetir o que disse aos vossos colegas: as mais belas palavras que Mr. Root proferiu no Brasil foram estas que ele disse aos estudantes de Petrópolis: — "E o espírito da mocidade que governa as nações do Novo Mundo". ("Muito bem! Muito bem!")

Este Estado de Minas, cujo grandeza ainda não está sequer desenhada, este Estado que encerra talvez o melhor do futuro do Brasil, precisa inspirar-se sempre naquelas palavras de Mr. Root.

O que vos desejo a todos, mais do que tudo, para o maior esplendor da nossa terra, é que conserveis, através de toda a vida, este mesmo espírito de mocidade, que na pureza destes ares e na luminosidade destes céus parece ainda mais puro e mais luminoso.

Senhores! Eu vos agradeço comovido; eu vos hipoteco toda a minha gratidão. ("Prolongada a sala de palmas, bravos e aplausos delirantes").



"Trazendo de novo ao Parlamento o seu legítimo deputado do 1.^o e 5.^o distritos, a brava Província de Pernambuco, dá uma tremenda lição aos negreiros da Câmara, representados pelo seu chefe." (Da "Revista Ilustrada", de Angelo Agostini, 12 de Junho de 1905).

JOAQUIM NABUCO,

A EMBAIXADA DE WASHINGTON E O PAN-

Terminada a missão do arbi-
trário, o Barão do Rio Bran-
co, o ministro do exterior na
presidência de Rodrigues Alves,
propõe a Nabuco a legação em
Londres. Nenhuma residência
lhe seria mais agradável. Ele
conhecia a Inglaterra a fundo,
e a amava na sua literatura, na
sua palavra histórica, nos seus
costumes sociais, na sua im-
portância política. A ba-
dônica metrópole inglesa o en-
tregava acima de todas as ou-
tras cidades e lugares que per-
correu. "Tudo em Londres me
teria uma nota íntima de lon-
ga razão", diz ele em "Mi-
nha Formação": "as suas ex-
tensas caméias e os seus bos-
ques, como o tijolo enegrecido
das suas construções; o movi-
mento aturdidor do Regent
Circus em Langate Hill, como os
recessos do arvoredo secular; as
sombas das quintas de verão, quan-
do o asfalto amolece debaixo do
peso, as folhagens se cobrem de
poeira, e o ar tem o calor seco
das termas, como as suas des-
cascas d'água de Maio e Junho,
quando as mais altas juncias
se transformam em jardins sus-
pensos, e as grandes cascas dos
parques se enchem de tulipas e
jacintos; as suas noites de luar,
que faziam Park Lane parecer-
me as vezes, na névoa, com a
sua rua de palácios, um trecho
de Veneza, e que de Piccadilly,
olhando por cima da bruma do
Green Park para a Dunelmia
em roda de Buckingham Palace,
me davam sempre a ilusão do
outro lado da baía do Rio
visto da esplanada da Glória,
com os seus dias escuros de ne-
voeiro, que em não teria então
troçado pelo azul do Mediter-
râneo nem pela pureza do céu
da África."

Mas o homem político, que
nele não morria nunca, e sem-
pre buscava alimento em proble-
mas de largo trato e profunda
reversão, depois de encon-
trada a satisfação para a
abolição da escravidão e para
a federação, dividiu no pan-
americanismo e, particularmen-
te, na estreita inteligência do
Brasil com os Estados Unidos,
um programa tão necessário
aos seus pressupostos quanto
laro em seus desdobramentos.

Seduzido no seu patriotismo,
Nabuco respondeu ao convite
ministerial, dizendo a Rio Bran-
co que se aliam da quizesse fa-
zer uma política verdadeira-
mente americana o mandasse
para Washington. A ocasião
não tardou, e logo em 1905 ele
inaugurava na capital norte-
americana a primeira embaixa-
da do Brasil.

O novo embaixador entra
nesse posto de imensas respon-
sabilidades na posse de todas as
qualidades para o êxito: o ma-
nejo perfeito de língua, o co-
nhecimento anterior do país,
seus extraordinários dotes ora-
tórios, a frequência com os que
deles se serve para formular em
todas as ocasiões apropriadas o
conhecimento do Brasil, de
pronto lhe granjeiam populari-
dade, admiração e autoridade.
Para esse resumo concorrem
sobretudo a sinceridade e per-
feita boa fé imprimidas a todos
os atos e palavras do embaixa-
dor, pois não há suposição mais
errônea do que esta tão vulgar,
que diplomacia é sinônimo de
engano e intriga. A Talleyrand
o mais famoso diplomata de to-
dos os tempos, atribuiu-se o co-
nhecimento cínico de que "a polí-
tica dada ao homem para dis-
simular o pensamento", mas a
autoridade da moral "honrada" de-
ve ser posta em dúvida: — foi
o mesmo Talleyrand quem enu-
merando as qualidades essen-
ciais do diplomata, no fazer do
Instituto de França o elogio de
Reinhardt, notou que "elas po-
deriam ser insuficientes se a
boa fé não as socorresse com
uma cautela de que quase sem-
pre necessitam". Afinal, a so-

berdaria está com La Rochefou-
cauld para quem a verdadeira
habilitação consiste na lisura,
pois que "on n'est jamais si al-
sément trompé que quand on
songe tromper les autres".

A honestidade e integridade
de Nabuco, tanto como os seus fas-
ciantes predicados intelectuais,
conquistaram rapidamente a
opinião americana. O Presiden-
te Roosevelt, conversando pela
primeira vez com um diploma-
ta recentemente acreditado em
Washington, perguntou-lhe se
já conhecia o Embaixador do
Brasil. "Não", respondeu o in-
terpelado. "Pois procure logo
conhecê-lo", disse o presidente.

"Porque não há em Washington
personalidade mais interessan-
te." O interesse do personagem
vinha do seu comércio agrada-
vel, da sua imensa cultura ar-
tística, literária e política; da
compreensão que ele tinha do
projeto das Américas no mundo;
da sua peregrinação pelas Uni-
versidades a discutir num "In-
glês de Macaulay" sobre o Bra-
sil, os seus homens, a sua histó-
ria, os seus destinos, a suas as-
pirações, e obedecendo ao im-
pério patriótico ainda quando
parecia abordar temas pura-
mente literários, como nas três
conferências camonianas enge-
nhosamente calculadas para
reabilitar nossa língua nacional.

Esta encenação vem em cor-
da a Monhada de Asis: "V. verá
com prazer que me tornei um
propagandista aqui dos Lusita-
nos. Freco não também em hon-
ra da nossa língua, que é toma-
da como um idioma do espan-
hol, o que dá à América Es-
panhola, com as suas decimas
paulistas, certo prestígio sobre-
pois". Lord-Bruce, então Em-
baixador da Grã Bretanha nos
Estados Unidos, escreveu a seu
governo a respeito dessas con-
ferências camonianas: "São
obras primas", e a Nabuco:
"Nunca li trabalhos de crítica
literária mais acabados, mais
delicados, mais sugestivos. Ten-
do uma maestria de nossa lin-
guagem que despoletava minha in-
teligência, se o sentimento da in-
veja pudesse se conciliar com co-
isa tão encantadora". Não é so-
a pronomeada imediata do Bra-
sil que é feita nas conferências
universitárias; um efeito mais
remoto, e porventura mais pro-
fundado, há de resultar, como Na-
buco informa ao dr. José Car-
los Rodrigues, escrevendo-lhe:
"Vim encantado de Vassar e
Cornell. Em Cornell fui hóspede
do Presidente Sherman, um
dos espíritos mais notáveis des-
te país, com quem me usano
de ter feito uma boa amizade
espiritual e política, no sentido
aristotélico da palavra. Ele me
diz que estas minhas visitas
às universidades e às amizades
que formo com os modeladores
da opinião esclarecida do país
são o melhor meio de aproxi-
mar o Brasil dos Estados Uni-
dos".

Quando as circunstâncias
permitem, é ao grande público
que o Embaixador se dirige. As-
sim, no jantar à oficialidade do
Benjamin Constant, em 17 de
Julho de 1903, num brinde pro-
locutor ao Presidente da Repú-
blica, que suscita no dia imedia-
to este comentário do "New
York Times": — "O discurso
foi tão significativo quanto in-
teressante. Não se poderia en-
contrar expressões mais felizes
do que as de análise do seu
discurso propõe a saúde do
Presidente e combinado um
elogio pessoal a um tributo na-
cional". É perfeitamente ver-
dade que "uma saúde ao Pre-
sidente é tão impressionante quan-
to a saúdo da bandeira". E
na observação que se seguiu a
esta são igualmente exatas e
marcantes: "A presença ame-
ricana é uma eminência que se
vê cada dia subir. Não notais a
diferença por que ela se eleva
conosco, porque a relação en-
tre o Presidente e a Nação por-

manece fixa. Mas, perante o
mundo cada presidente ameri-
cano, sucessivo é visto a uma
altura acima dos seus predecesso-
res. Essa progressão histórica
se aplica aos sucessores do
Presidente Roosevelt, como se
aplicou a ele, mas de sua ad-
ministração é que data a época
em que o eume americano co-
meça a elevar-se acima dos
outros eumes nacionais do mun-
do. Isto não poderia ser obra
de um homem ou de um parti-
do. É um crescimento gigan-
tesco em que os vossos milhões
de população tomam parte".

Do prestígio de Nabuco fica-
ram provas, por assim dizer,
tangíveis.

Em 1909 propõe-se no parla-
mento o imposto de importação
sobre o café. O autor da pro-
posta argue que o imposto bra-
sileiro de exportação pratica-
mente recal sobre o consumi-
dor americano. Grande é o
alarme no Brasil. Nabuco mul-
tiplica-se em diligências para
conjuar o perigo, representa
oficialmente ao Governo, vê
Deputados e Senadores ou es-
creve-lhes, declara-se pessoal-
mente em causa perante a opi-
nião pública de seu país "pela
criação de uma taxa que não
existia quando ele chegou ao
seu posto", e afinal ganha a
partida.

De outra vez são as relações
do Chile com os Estados Unidos
que estão em risco de ruptura,
por motivo da reclamação Al-
son, feita pelo Governo de Wa-
shington e desmentida pelo de
Santiago. Este recebera um
"ultimatum" para em dez dias
aceitar, sob pena de ruptura,
uma de duas fórmulas de satis-
ficação apresentadas pela Secre-
taria do Estado. O prazo cor-
ria, os americanos não queriam
ouvir falar em arbitramento,
nem mesmo na designação de um
"amigável compoedor".
Como Santiago propusera, na
legação chilena, as malas es-
tavam prontas para a partida
precipitada, segundo o "costu-
me bárbaro" como lhe chama-
vamos. Sucede que Root, já
então enveredado da chancela-
ria, vem a Washington entre
dois trens. Nosso Embaixador
em carta premente apela para a
intervenção do grande amigo, a
quem mostra a causa do pan-
americanismo, comprometida no
incidente, e termina com os ver-
sos de Camões:

Acóde e corre, pai, que se não
fcorres
Pode ser que não aches quem
fscorres

Horas depois, quando ele tor-
na a ver o Secretário de Estado
Knax, encontra a atmosfera
mudada, e quatro dias volvidos
o caso era entregue a composi-
ção amigável do Rei Eduardo
VII. Em carta ulterior Root
esclarece a feitura do desen-
lace dizendo a Nabuco que ou-
vira o seu "grito da Macedô-
nia" pouco antes de embarcar,
mas a tempo de procurar o se-
cretário do Estado, e que sabra
da conferência com a separa-
ção de que a questão chilena se-
ria solvida sem dificuldade.

Esses dois casos revelam em
Nabuco aquela facilidade de se
inspirar "no tempo, no lugar,
nas ocasiões, no tempera-
mento e no caráter dos ho-
mens", facilidade que levou La
Bruyère a qualificar o diploma-
ta de Cameleão e Prolex, mas
nada é senão o tacto e a pru-
dência em vigília.

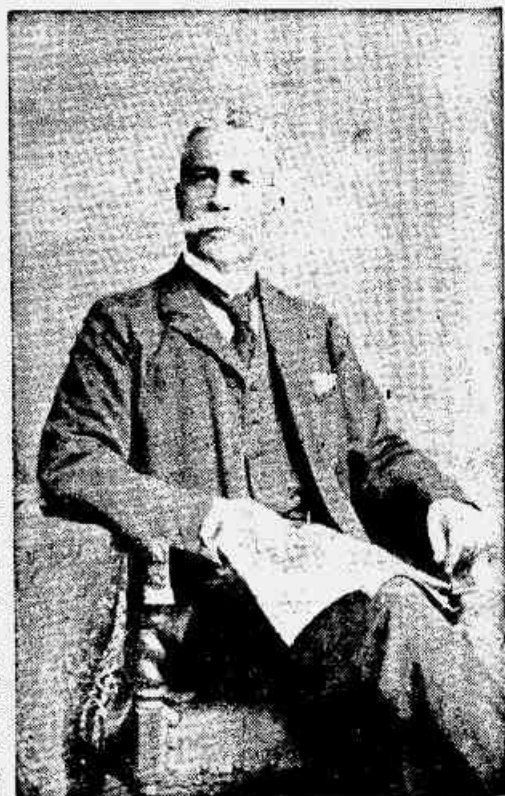
Esses são frutos do seu crédi-
to pessoal e da sua habilidade;
mas a grande tarefa que o traz
a Washington é mais constitui-
va. A aproximação com os Es-
tados Unidos e o pan-america-
nismo pareciam-lhe uma políti-
ca necessária para o Brasil
"sem exercício e sem esquadra
que se pudessem proporcionar
de magnitude do problema", es-
crave ele a Nilo Peçanha em

fazemos aos seus capitais e da
suas indústrias, que se assigu-
ram melhor pela paz."

Tal programa de política ex-
terior foi traçado há 20 anos.
Se ainda visse o homem do
Estado que o advogado, é certo
que nada alteraria quanto as
vantagens da aproximação com
a União Americana e do pan-
americanismo, pontos cardiais
de toda política externa do Bra-
sil a que não falte senão a
previdência.

É lícito duvidar, entretanto,
se ele conceberia do mesmo mo-
do nossas relações com a Eu-
ropa. A tragédia de 1914 revelou
que a inter-independência das
nações se estreitou a tal pon-
to, que vence os oceanos e a di-
versidade das civilizações. Os
Estados Unidos foram forçados
a sair da "órbita separada" na-
ra entrar na órbita comum onde
em sua ausência se jogavam os
seus destinos. O nosso Brasil
foi arrastado à beligerância e
só não sofreu prejuízos de san-
gue porque a divisão naval
mandada para o Mediterrâneo
chegou a Oran no dia do ines-
perado armistício. Não vivia-
mos sem laço político com a Eu-
ropa? Não nos reputamos
fora do círculo das suas alian-
ças? Sem embargo, a consi-
deração em que ela se colocou no
fogo e no sangue durante que-
tro anos, nos custou, além de
algumas vidas e propriedades,
prejuízos imensos, que nem to-
dos podem ser avaliados. As
rendas da União caíram, em
consequência da diminuição das
importações, e fomos forçados
a aspirar a falta aumentando a
dívida pública em mais de um
milhão de contos sob forma de
vôlta moeda e emissão de au-
tôles.

Quinhentos mil imigrantes
deixaram de entrar no Brasil,
e muitos já estabelecidos, tme-
ram de se repatriar. Por me-
rito do encarceramento das im-
migrantes estrangeiras, desen-
damos a mais, em pura perda,
cem milhões de libras esterli-
nas, e nas, ao mesmo tempo que
permanecer: é um benefício que
damos pela menos outro tanto



Joaquim Nabuco em outro retrato da velhice

DIPLOMATAS — Raul Fernandes

AMERICANISMO

pela cessação do afluxo do capital europeu, que antes da guerra era importado em escala crescente. O custo da vida, que era de 100 em 1912, subia a 222 em 1930. E quem pode calcular o valor e extensão das repercussões da grande guerra no progresso do Brasil depois da paz em consequência do caos econômico em que a Europa se debate há dez anos?

A amizade com os Estados Unidos e o pan-americanismo não bastaram para nos preservar no passado, do mesmo modo que, no futuro, seriam impotentes contra a renovação de tantas calamidades. A primeira, das quais os seus que receba e possa receber, será uma segurança contra a agressão direta. Um exército desbaratou-se. Uma esquadra, pôe-se a pique. Mas a nenhum poder humano é dado separar da causa os seus efeitos, e a lição da grande guerra é que um conflito longo, embora se desentenda sem lesão de direito nacional, como não foi o caso em 1917 — "qualquer que seja o seu resultado" — pode representar para o Brasil mais do que uma grande batalha perdida.

Quando os pan-americanistas, como o Dr. Nogueira, nega a força de expansão para a paz continental e para a cooperação econômica e cultural nas Américas. Cumpre sustentar-lhe o programa e desenvolver-lhe as suas virtualidades. Mas sobre ter em si mesmo a ilusão territorial intransigente, ele nunca poderá aspirar a criar em aramanto que se pode, conflituente no ultra-mar, encontrar prevalecer nos Estados Unidos a doutrina das mãos livres dada que cada organização específica com esse objetivo, de um lado, o lado interno, entre as repúblicas americanas, de outro lado, o lado externo, que discipline as relações do seu agrupamento com os países não americanos.

Joaquim Nabuco tinha razão no seu tempo, quando a ordem europeia se baseava no equilíbrio entre as alianças militares. Mas as circunstâncias mudaram. A paz de Versalhes deu origem à Sociedade das Nações, esboço de organização jurídica internacional, onde todos

os países podem ser admitidos. O Testamento nem mais nem é que a todos oferece um mínimo de segurança, sendo contra a guerra, ao menos contra a guerra inopinada. A opção hoje não seria entre uma política pacífica com a América e uma política guerreira com a Europa, e sim, entre o isolamento continental e a associação mundial para a paz: isto é, entre o regime que faltou em 1914 e uma organização jurídica da paz, que não suprime nem anula a doutrina de Monroe e, ao contrário, em parte a absorve e aperfeiçoa resolvendo algumas das incógnitas que ela encerrará para a América Latina enquanto permanecer, como até agora, uma doutrina de política puramente norte-americana, sua definição e interpretação pelos Estados Unidos. Por outras palavras: o monismo continua necessário porque a Sociedade das Nações ainda não suprime a guerra; mas na medida em que a Sociedade impede a agressão de um Estado extra-continental contra uma nação americana, nessa mesma medida torna-se causa a intervenção dos Estados Unidos, certa em si mesmo, mas incerta nas suas modalidades e condições. Roosevelt, e seu grande ministro Root dizem, e é verdade, que a doutrina de Monroe acarreta mais deveres do que direitos para a União norte-americana. Mas é igualmente verdade que os deveres, sobretudo na ordem internacional, implicam o exercício dos meios indispensáveis. A lógica e a necessidade elementar o exigem, independente de qualquer consideração política, e ninguém melhor o sabe do que os publicistas do grande país onde se construiu a teoria constitucional dos poderes implícitos.

A opção, de que falamos, já foi exercida pelo governo brasileiro. Nosso julgamento sobre ela está subentendido em quando acabamos de dizer. Não incutamos esse juízo como o mais avulso, e não ignoramos quanto se pode alegar contra a instituição de Genebra. O juiz Rutledge, discursando o ano passado no Congresso da "Associação Internacional dos Estudantes da Bíblia", descobriu que ela foi profetizada no Velho

Testamento nem mais nem é que a todos oferece um mínimo de segurança, sendo contra a guerra, ao menos contra a guerra inopinada. A opção hoje não seria entre uma política pacífica com a América e uma política guerreira com a Europa, e sim, entre o isolamento continental e a associação mundial para a paz: isto é, entre o regime que faltou em 1914 e uma organização jurídica da paz, que não suprime nem anula a doutrina de Monroe e, ao contrário, em parte a absorve e aperfeiçoa resolvendo algumas das incógnitas que ela encerrará para a América Latina enquanto permanecer, como até agora, uma doutrina de política puramente norte-americana, sua definição e interpretação pelos Estados Unidos. Por outras palavras: o monismo continua necessário porque a Sociedade das Nações ainda não suprime a guerra; mas na medida em que a Sociedade impede a agressão de um Estado extra-continental contra uma nação americana, nessa mesma medida torna-se causa a intervenção dos Estados Unidos, certa em si mesmo, mas incerta nas suas modalidades e condições. Roosevelt, e seu grande ministro Root dizem, e é verdade, que a doutrina de Monroe acarreta mais deveres do que direitos para a União norte-americana. Mas é igualmente verdade que os deveres, sobretudo na ordem internacional, implicam o exercício dos meios indispensáveis. A lógica e a necessidade elementar o exigem, independente de qualquer consideração política, e ninguém melhor o sabe do que os publicistas do grande país onde se construiu a teoria constitucional dos poderes implícitos.

Testamento nem mais nem é que a todos oferece um mínimo de segurança, sendo contra a guerra, ao menos contra a guerra inopinada. A opção hoje não seria entre uma política pacífica com a América e uma política guerreira com a Europa, e sim, entre o isolamento continental e a associação mundial para a paz: isto é, entre o regime que faltou em 1914 e uma organização jurídica da paz, que não suprime nem anula a doutrina de Monroe e, ao contrário, em parte a absorve e aperfeiçoa resolvendo algumas das incógnitas que ela encerrará para a América Latina enquanto permanecer, como até agora, uma doutrina de política puramente norte-americana, sua definição e interpretação pelos Estados Unidos. Por outras palavras: o monismo continua necessário porque a Sociedade das Nações ainda não suprime a guerra; mas na medida em que a Sociedade impede a agressão de um Estado extra-continental contra uma nação americana, nessa mesma medida torna-se causa a intervenção dos Estados Unidos, certa em si mesmo, mas incerta nas suas modalidades e condições. Roosevelt, e seu grande ministro Root dizem, e é verdade, que a doutrina de Monroe acarreta mais deveres do que direitos para a União norte-americana. Mas é igualmente verdade que os deveres, sobretudo na ordem internacional, implicam o exercício dos meios indispensáveis. A lógica e a necessidade elementar o exigem, independente de qualquer consideração política, e ninguém melhor o sabe do que os publicistas do grande país onde se construiu a teoria constitucional dos poderes implícitos.

DOIS TEMPERAMENTOS:

Joaquim Nabuco e Oliveira Lima —

Oliveira Lima informa, nas suas "Memórias", que era ainda criança, quando conheceu Joaquim Nabuco. Aos 15 anos escreveu, a respeito do abolicionista, um artigo "palpitante de simpatia", e que lhe valeu, em 1887, em Lisboa, a visita de Nabuco. Nesse tempo, Oliveira Lima não completara ainda 20 anos, e Nabuco andava perto dos quarenta. Pode-se dizer que a amizade entre os dois escritores pernambucanos, firmada nessa ocasião, continuou inalterável por perto de dez séculos. Quando não houvesse a convivência, nas cidades em que por acaso se encontrassem, bastaria, para conservá-los unidos, o apreço intelectual recíproco e a correspondência íntima, que entre eles se manteve, durante todo esse período.

Nabuco era embaixador em Washington e Oliveira Lima ministro na Venezuela, quando começaram essas relações de amizade. Quem tomou a iniciativa desse rompimento foi Nabuco e o motivo dessa atitude serve para pôr em destaque a profunda divergência, ou quase incompatibilidade dos dois temperamentos. Oliveira Lima, que estava na Venezuela, achava que Nabuco exagerava a tendência panamericanista de sua

política diplomática. Dizia ele que Nabuco, antes de ir para Washington, não esquecera o "banho latino" que, nas suas palavras, tomara nas termas romanas durante a sua infeliz missão "a Roma". O próprio Oliveira Lima confessa que Nabuco, em Washington, "ficara too American, como em Londres too British, na Itália too Roman e na França too French". Não havia, pois, o propósito de vincular o Brasil aos interesses americanos, mas uma orientação geral de ação diplomática. Cheio de simpatia humana, Nabuco identificava-se com as nações em que servia. Seria injusto dizer, entretanto, que essa identidade vinha em prejuízo dos deveres do diplomata para com o seu próprio país. Nabuco nunca deixou de ser profundamente brasileiro, em todos os postos ocupados no exterior. Pode-se, por isso, perguntar se aquela simpatia maior pelos Estados Unidos não valeria como um fator de êxito para a missão diplomática que ele exercia. O que seria absurdo, e incompreensível, é que Nabuco fosse too British em Roma, ou vice-versa, Ministro plenipotenciário, ou embaixador, que se não mostre muito amigo do país em que serve,

Barbosa Lima Sobrinho

(da Academia Brasileira)

deixa de tornar-se útil à sua própria nação, pois que compromete a eficiência de sua representação.

Oliveira Lima não se detinha nesse argumento. Destacado na Venezuela, via o panamericanismo sob prisma completamente diverso, dada a animosidade que havia nas repúblicas hispano-americanas contra os Estados Unidos, ainda presos as tropéias de Teodoro Roosevelt. Além dessa influência, dever-se-ia contar com o temperamento de Oliveira Lima, quase sempre unilateral na apreciação de tais fatos.

Se Oliveira Lima ficasse na tese geral, estaria tudo certo. Convinha mesmo que não fosse ele too American na Venezuela. Coordenando os excessos das suas atitudes, a de Oliveira Lima e a de Nabuco, a chancelaria brasileira continuaria a manter as tradições de independência de nossa política diplomática, o que Rio Branco, aliás, não deixou de fazer. O discurso do chanceler, na abertura da Conferência Panamericana do Rio de Janeiro, soube definir a autonomia de nossa atitude, como o reconheceu o próprio Oliveira Lima, na dedicatória de seu livro Panamer-

(Continua na página 80)



Túmulo de Joaquim Nabuco, no cemitério de Santo Amaro, em Recife

AS CAUSAS DA ABOLIÇÃO NO BRASIL — Joaquim Nabuco

Foi esse imenso bloco que atacamos em 1879, acreditando gastar a nossa vida sem chegar a entalhá-lo. No fim de dez anos não restava deste senão o pó. Tal resultado foi devido a muitas causas... Em primeiro lugar, à época em que foi lançada a ideia. A humanidade estava por demais adiantada para que se pudesse ainda defender em princípio a escravidão, como o haviam feito nos Estados Unidos. A raça latina não tem essas coragens. O sentimento de ser a última nação de escravos humilhava-nos a altivez natural a todo país novo. Depois, à fraqueza e à ociosidade do caráter nacional, ao qual o escravo tinha comunicado sua bondade e a escravidão o seu relaxamento. Compare-se nesse ponto o que ela foi no Brasil, com o que foi na América do Norte. No Brasil, a escravidão é uma fusão de raças; nos Estados Unidos, é a guerra entre elas. Nossos proprietários emanavam dos centros os seus escravos, em vez de se unirem para linchar os abolicionistas, como fizeram os criadores do Kentucky ou os plantadores de Louisiana. A causa abolicionista exercia sua ação sobre a sociedade, entre os magistrados e os padres; operava como um dissolvente sobre a massa dos partidos políticos, cujas rivalidades incitava com a honra que podia conferir aos estadistas do sacrifício indispensável para o sucesso. Cinco ações ou concursos diferentes cooperaram para o resultado final: 1.º, a ação inicial dos espíritos que criavam a opinião pela ideia, pela palavra, pelo sentimento, e que a faziam valer pela tribuna do Parlamento, pelos "meetings", pela imprensa, pelo ensino superior, pelo púlpito, pelos tribunais; 2.º, a ação, a força mecânica dos que trilharam de destruir materialmente o vasto aparelho da escravidão, arrebatando os escravos ao poder dos senhores; 3.º, a ação dos próprios proprietários, que à medida que o movimento se precipitava, diminuíam diante dele as resistências, libertando em massa as suas "fábricas"; 4.º, a ação dos estadistas, representando as concessões do governo; 5.º, a ação dinástica.

As duas primeiras categorias formavam círculos concêntricos, compostos como eram em grande parte dos mesmos elementos. E a elas que pertence o grosso do partido abolicionista, os "leaders" do movimento. Para colocar cada figura no plano que lhe convém com seu tamanho relativo seria preciso outro juízo. Tendo visto na luta e no esforço cada um dos veteranos dessa campanha, eu não me perdoaria a mim mesmo a menor injustiça involuntária que fizesse a qualquer deles. Dissentimentos profundos me separavam de muitos depois da vitória, mas o espírito de imparcialidade que me anima a respeito de cada um faz parte da lealdade, que acredito ter mantido perfeita durante a abolição para com todos os seus auxiliares, os da primeira como os da undécima hora. Não farei tão pouco o Livro doiro da grande propriedade nacional nessa questão. Na categoria dos chefes políticos posso destacar, porém, três estadistas que prestaram ao movimento em épocas diferentes, um concurso decisivo: Dantas, que primeiro colocou ao serviço dela um dos partidos constitucionais do país, o liberal, serviu da ordem do que Gladstone prestou à causa irlandesa; Antônio Frnd, que retirou o veto de São Paulo à abolição, quebrando assim a resistência até então compacta do Sul, a porção mais rica do país, e João Alfredo, que levou o partido conservador a apresentar a lei da extinção imediata.

O MILAGRE DA HARMONIA

JOAQUIM NABUCO E A PAZ NA AMÉRICA

(Trecho de estudo) -

Tristão de Alaiide
(Da Academia Brasileira)

Nabuco foi o maior milagre de harmonia da nossa história. Como explicar que uma criatura dessas, que teve em seu es-

pírito todas as superioridades, em seu sangue (todas as nobrezas, em suas maneiras todas as distinções, pudesse viver no

maia admirável equilíbrio com uma raça impura, com uma nacionalidade informe, com um espírito inquieto e dissociado como o nosso?

Como explicar que esse tipo incomparável de aristocrata, padecesse dar todo o seu esforço pelas causas mais democráticas, sem que nunca uma nota dispartada surgisse dessa adaptação?

Como explicar que um escritor cujo estilo era todo clássico, cujo temperamento era todo europeu, cuja obra se distinguia tão vivamente de sua terra, até mesmo por vezes, pelas línguas estrangeiras em que era escrita, cuja estadia longe da pátria foi tão constante, — como explicar que esse escritor esteja tão vivamente no coração do nosso povo, de modo tal que ainda há hoje quem "chove lágrimas de verdade" ao ler algumas páginas de "Minha Formação"?

Como explicar esse aparente paradoxo de um espírito puramente apolíneo, que se dedica a causas vivamente dionisiacas (se é possível, dizer...) num meio claramente primitivo e semi-bárbaro? Como explicar a harmonia de tanta superioridade com tanta mediocridade?

E' que Nabuco, com o poder incomparável de irradiação que possuía, elevava tudo o que tocava. Não era ele que descia, era o povo que subia. Somas tais, até hoje, que subimos ao seu lado. Nós nos sentimos mais serenos em contacto com a sua serenidade. E o povo que o auxiliava deliberadamente, nos dias de seus grandes triunfos oratórios, via-se a si mesmo na figura do seu ídolo. Mas via-se a si mesmo transfigurado, aristocratizado, universalizado, numia previsão de um futuro muito remoto. Era como se Nabuco representasse um ensaio muito prematuro de uma visão longínqua do porvir. Era como se Nabuco fosse uma indiscreção do nosso futuro. E o povo, e nós todos, inquietos, angustiados, dissociados, mesclados de sangue e de espírito, pessimistas, amargurados, sentindo em nós e em torno de nós todas as taras e todos os desesperos das coisas em franca ebulição, — todos nós nos refugiamos em Joaquim Nabuco nas horas mais sombrias, nas horas de maior negação. Ele é até hoje um abrigo para as nossas desesperanças. Ele nos traz, do alto da sua olímpica beleza, um pouco de frescura para o afoqueamento das nossas irritações, um pouco de doçura as amarguras constantes do nosso presente.

E é tal esse conforto que ele traz, tal a distância de que nos vem, carregado de outros ares, de outras cores, de outro sabor, — que há momentos (falo apenas por mim mesmo sem dúvida) em que sinto Nabuco como absolutamente inatual, como o vestígio de uma era irremediavelmente morta, como a sombra de um caminho que se fechou diante de nós e do qual tivemos de retroceder.

Impressão passageira, sem dúvida, impressão que eu desajo ardentemente que seja passageira. Pois, por mais ligeiro que eu veja Nabuco ao espírito do seu século, ao ambiente do seu tempo (Nabuco não cortejava nunca a popularidade, mas não se sentia bem sem ela. Quando as suas convicções o levavam a ver que a inclinação do povo era contrária às suas, como na República, não cedia de suas convicções, mas também não procurava afrontar a opinião pública. Não amava o isolamento, nem mesmo talvez como escritor. Só era completo quando sentia as suas convicções irmanadas com as convicções da maioria. Como todos os grandes oradores, precisava ter

tas contingências e azarres que a experimentavam.

Por outro lado, não devo esquecer, o Chile, que eu não leio a fortuna de conhecer, como conheço o Prata, e do qual me falta assim a equação pessoal, capto o nosso reconhecimento pela amizade que nos tem mostrado nos últimos vinte anos, amizade que é cultiva com a varonilidade e a firmeza de uma política nacional aceita e praticada por todos os partidos. Em tais condições, eu não teria nunca escrito os artigos que me foram imputados, porque do Brasil, tratando-se de uma guerra possível entre o seu antigo aliado e o seu novo amigo, não deve partir a expressão ainda de um sentimento, de positivo horror por tal guerra de irmãos, guerra fratricida e fatal a ambos, qualquer que fosse o seu resultado momentâneo; guerra sem legítima nacional nem glória possível; para destruição e devastação do que a civilização tem conquistado ao deserto; guerra, em uma palavra, perversa e malfazeja, e que vista de fora parece feita somente ao progresso, ao crescimento, ao crédito, a reabilitação da América do Sul.

João Nabuco foi então dado como sendo o autor desses artigos. O grande escritor enviou a "El Diário", para reatuar a autoria desses artigos a seguinte carta:

"Meu ilustre amigo, Consta-me que eu faça pelas mesmas colunas do seu jornal um 'ato heroico' declinando a autoria dos artigos publicados, sob o meu nome em El Diário. Custa-me com efeito, afastar de mim as demonstrações de afeto e reconhecimento que me estão chegando de amigos argentinos por causa daqueles artigos. Desde, porém, que eles não são meus é forçoso arrancar eu mesmo as brilhantes penas alheias de que tão generosamente, sua amizade a mim reconstitui. Acontece que não escrevo sem assinar e que muitos dos conceitos a mim atribuídos, estão em divergência com o que ainda recentemente escrevi no meu livro 'Balmaceda'. O escritor do 'Debate', que os emitiu é um jovem amigo meu (o dr. Graça Aranha), um dos mais belos talentos da nova geração política, que voltou encantado do Rio da Prata. Ele lhe levou uma carta de apresentação minha, bem como para o general Mitre, o general Roca, Rafael Obligado, A. Davila e outros ilustres representantes da cultura argentina, e quando lhas dei sabia bem a impressão que ele havia de trazer.

Se declino, porém, meu caro amigo, a autoria das ideias e frases que não me pertencem, não declino de certo a simpatia e a admiração que o escritor mostra pelo seu maravilhoso país, do qual tantas vezes tenho escrito no mesmo tom e sob as mesmas impressões. Agora mesmo acabei a 'Vida' de meu pai, a qual em parte é a história diplomática, sob nova luz, da triplice aliança e a defesa da posição que ele assumiu, e o do até chamado 'argentino', de sustentador até o fim da política do 1º de maio de 1865. Tenho assim em meu espírito a liberação histórica desses tempos, em que o Chile ainda não estava conosco e em que a lealdade, a intuição, o gênio político de Mitre nos preservava de uma coligação americana contra o império. Tenho, como vê, além do deslumbramento trazido do Prata, do reconhecimento pelo cavalheirismo que encontrei em toda parte, da poesia que encontrei atravessando a pampa até Mendoza e subindo o Paraná até Corrientes, uma afinidade argentina, mais forte do que essas, espécie de herança paterna, recordação da mocidade: a aliança entre os nossos dois países, chamada com razão por um dos nossos ministros de Estrangeiros de aliança sem exemplo na história pela lealdade recíproca com que foi mantida em tão extenso prazo através de tantas vicissitudes.

Se declino, porém, meu caro amigo, a autoria das ideias e frases que não me pertencem, não declino de certo a simpatia e a admiração que o escritor mostra pelo seu maravilhoso país, do qual tantas vezes tenho escrito no mesmo tom e sob as mesmas impressões. Agora mesmo acabei a 'Vida' de meu pai, a qual em parte é a história diplomática, sob nova luz, da triplice aliança e a defesa da posição que ele assumiu, e o do até chamado 'argentino', de sustentador até o fim da política do 1º de maio de 1865. Tenho assim em meu espírito a liberação histórica desses tempos, em que o Chile ainda não estava conosco e em que a lealdade, a intuição, o gênio político de Mitre nos preservava de uma coligação americana contra o império. Tenho, como vê, além do deslumbramento trazido do Prata, do reconhecimento pelo cavalheirismo que encontrei em toda parte, da poesia que encontrei atravessando a pampa até Mendoza e subindo o Paraná até Corrientes, uma afinidade argentina, mais forte do que essas, espécie de herança paterna, recordação da mocidade: a aliança entre os nossos dois países, chamada com razão por um dos nossos ministros de Estrangeiros de aliança sem exemplo na história pela lealdade recíproca com que foi mantida em tão extenso prazo através de tantas vicissitudes.

Se declino, porém, meu caro amigo, a autoria das ideias e frases que não me pertencem, não declino de certo a simpatia e a admiração que o escritor mostra pelo seu maravilhoso país, do qual tantas vezes tenho escrito no mesmo tom e sob as mesmas impressões. Agora mesmo acabei a 'Vida' de meu pai, a qual em parte é a história diplomática, sob nova luz, da triplice aliança e a defesa da posição que ele assumiu, e o do até chamado 'argentino', de sustentador até o fim da política do 1º de maio de 1865. Tenho assim em meu espírito a liberação histórica desses tempos, em que o Chile ainda não estava conosco e em que a lealdade, a intuição, o gênio político de Mitre nos preservava de uma coligação americana contra o império. Tenho, como vê, além do deslumbramento trazido do Prata, do reconhecimento pelo cavalheirismo que encontrei em toda parte, da poesia que encontrei atravessando a pampa até Mendoza e subindo o Paraná até Corrientes, uma afinidade argentina, mais forte do que essas, espécie de herança paterna, recordação da mocidade: a aliança entre os nossos dois países, chamada com razão por um dos nossos ministros de Estrangeiros de aliança sem exemplo na história pela lealdade recíproca com que foi mantida em tão extenso prazo através de tantas vicissitudes.

Iniciação Política - Joaquim Nabuco

O acontecimento que interveio no meu destino e me lançou na política com toda a liberdade de ação foi a morte de meu pai, em março de 1879, ano em que seria eleito pela primeira vez deputado... Ele morreu a tempo ainda de assegurar a minha eleição, que tinha ficado resolvida entre ele e o barão de Vila-Bela, chefe político de Pernambuco Souza Carvalho, o qual muito impugnou, depois de morto meu pai, a minha candidatura, foi a Vila-Bela e, referindo-se àquela morte, dissera-lhe: "Substata causa tollitur effectus". Domingos de Souza Leão, porém, tinha a religião da amizade e da lealdade, e a morte de Nabuco, em vez de delir o seu compromisso, tornara-o de honra para ele... Meu desejo era talvez continuar na diplomacia... Minha mãe, porém, conservou a ambição de meu pai, de me ver entrar na política, para um dia substituí-lo, sentar-se na sua cadeira de senador, como ele se sentara na de meu avô, que já não fora o primeiro senador Nabuco, porque encontrara no Senado seu tio José Joaquim Nabuco de Araújo, primeiro barão de Itapoan. Eu representaria assim no Parlamento a quarta geração da mesma família, o que não aconteceu, suponho, a nenhum outro. Com Martin Francisco Junior, filho, neto e bisneto de parlamentares, as gerações políticas foram três, por serem irmãos o avô e o bisavô, Martin Francisco e José Bonifácio.

Não me custou nada essa eleição... Custou sim a Vila-Bela na Corte e a Adolfo de Barros, que passou pela política como um perfeito "gentleman", seu presidente na província, incluíam-me na lista... Meu nome afastava os de outros que eram antigos lutadores, como o dr. Aprígio Guimarães, popular na Academia pelo seu liberalismo republicano e suas imagens deleanças; eu não tinha que ter remorso, disso, — fôra viam inventent... Não era só meu nome o que postergava o direito de antiguidade; a chapa estava cheia de nomes novos; eu representava uma tradição de serviços ao partido, os de meu pai, que valiam bem os de qualquer outro, e tinha confiança de que justificaria na Câmara a minha promoção rápida nas urnas... Não me custou, como disse, trabalho algum essa eleição, que foi feita pelo partido, disposto de todos os elementos oficiais... Não deixei, porém, de ler o seu episódio... Num sessão académica de 11 de agosto, no teatro Santa Isabel, quando eu profetizava, do camarote do Presidente, as primeiras palavras, foi acolhido pelos protestos e vozeria de um magote numeroso, que se tornou dominante, e que depois transferiu para uma praça pública o seu "maceira" de indignação contra mim... O tema do meu improviso, em resposta aos epigramas e diatribes contra São Cristóvão que tinham sido no palco, fora este: a grande questão, o defendia Cartago para a democracia brasileira, não é a realidade, é a escravidão. Posso dizer que experimentei, por vezes a doçura da popularidade; nada, porém, igual ao prazer de uma dessas tempestades, levantadas contra si pelo orador, que se sente de posse da verdade e ao serviço da justiça, e antevê que esses que o injuriam naquele momento virão com ele no dia seguinte sacrificar no mesmo altar... Eu deixei passar toda aquela onda rufosa e epigramática, que a intriga, explorando a susceptibilidade própria da democracia, pratica e o imperfeito conhecimento do indivíduo do papel que ele a representar, impelia contra a minha candidatura... Eu sabia que a palinódia havia de ser completa, que se desataria o "mal-entendido" criado entre mim e o povo do Recife, desde que ele visse o fim para o qual eu aspirava ao seu mandato... Na verdade, nunca a opinião de uma democracia, de um partido popular, cujos seus seus foros e tradições, de uma cidade, de uma província, orgulhosa da sua fé de ofício liberal, mudou mais depressa do que a de Pernambuco a meu respeito, logo na primeira sessão em que tomei a palavra na Câmara...

Desde esse dia estabeleceu-se entre mim e aquele povo uma afinidade que nunca se interrompeu e que ainda hoje, em que estou retirado de tudo, estranho a todos, estou certo, será a mesma, porque foi como o encontro de duas opiniões que se miraram uma na outra até as próprias fontes do sentimento e reconheceram na transparência do seu fundo a lealdade, a sinceridade de cada uma.

Foi um ano de atividade e de expansão única em minha vida esse de 1879, em que, fixa a minha estadia na Câmara, posso dizer que ocupei a tribuna todos os dias, tomei parte em todos os debates, em todas as questões... O favor com que era acolhido, os aplausos da Câmara e das galerias, a atenção que se me prestava, tudo isso embriagava facilmente um estrangeiro... Ah! como hoje seria diverso, e quanto tudo isso está desvalorizado como prazer do espírito. Hoje só tem valor para mim a gota cristalina que mana dessa rocha do ideal que todos temos em nós... E' essa fonte oculta, e não os grandes charafres e aleduados, que única me desaletra. Então tudo me servia para assunto de discurso: falava sobre marinha e imigração, como sobre a iluminação a gás ou o imposto de renda, sobre o arrendamento do vale do Xingu como sobre a eleição direta... Tinha o calor, o movimento, o impulso do orador, não conhecia o "valerá a pena?" do que se restringe cada vez mais... O público, os grandes auditórios eram para mim nesse tempo o que é hoje a minha cesta de papel ou a labareda que da conta da exuberância intelectual. Só muito tarde compreendi porque os que vieram antes de mim se retraiam, quando eu me expandia: em alguns era a saciedade, o enjoo que começava, em muitos a troca da aspiração por outra ordem de interesses mais lucrativos, em outros, porém, era a consciência que chegava à maturidade, era o amor da perfeição... Desse discursos em exceção que figuram nos "Anais" em meu nome eu não quisera salvar nada sendo a nota íntima, pessoal, a parte de mim mesmo que se encontra em alguns. Não assim com os que proferi na Câmara em 1887 e em maio de 1888, nem com os do Recife em 1884-1885, pronunciados no teatro Santa Isabel e outros lugares e publicados em livro. Esses são o melhor da minha vida.

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Les critiques sont les blâmes de l'esprit. Rien n'est plus facile que l'air de fraîcheur et de jeunesse qu'il affectent; on dirait que la lecture peut encore leur donner des sensations vives. (Pensées détachées, 118).

HEINE E SEU TRADUTOR — Ernesto Feller



Desenho da "plaqueta" de H. Kautsch, "De mea grande dolore"

"Mas você tem Gerardo de Nerval?" Era Carolina Jaubert, a "jadazinha" de Enrique Heine, quem, assim, consolava o poeta, queixoso de não ter tradutores. Heine respondeu: "Sim, resta dúvida. Tenho-o quando o tenho. Nunca se lhe pode por o olho em cima. Anda sempre a viajar".

Gerardo contava 18 anos quando começou a traduzir o "Feufo", de Goethe. Não tinha, ainda, 30 quando apareceu, em 1823, a "Nova tradução completa em prosa e verso" desse poema dramático, tradução que ainda não foi sobrepujada em língua francesa.

Quando Heine, em 1831, se matriculou em Paris, o jovem Gerardo já era famoso. Nele encontrou um tradutor e um amigo. Estimularam-se os dois poetas, unidos pelo espírito fantástico, pela malícia incisiva, pela infelicidade comum. Suas relações só a morte as interrompeu.

Pena é que Gerardo nada haja dado à estampa, que se refic, diretamente, a essas relações. Conhecemo-las, felizmente, pelo relato de terceiros, sendo o hábito de Gerardo trazer à casa de Heine escritores que encontrava ou que o visitavam. "Estou sempre em casa", dizia Heine sorridente, preso ao leito havia já oito anos. Os encontros desses dois poetas que, só pela melancolia, pertencem, ainda, a este mundo, parecem, por vezes, tirados de um conto fantástico de Hoffmann.

Certa vez Gerardo pediu a Arsenio Houssaye que fosse consigo à casa de Heine, temendo de que este lhe arquivasse o ultraz na tradução do intermezzo. Heine estava de cama. Na ante-câmara sua esposa enfiava. O poeta mostrou-se indulgente para com o tradutor inoroso. "Afinal, que valem para mim todas as minhas poesias, quando ouço minha mulher cantar?" Dirigindo-se a Houssaye, prosseguiu: "Gerardo é feliz. Viaja sem ces-

sur. Eis porque anda sempre em ultraz com as minhas traduções". Como quer que Gerardo se desculpas apelando para as dificuldades do alemão, Heine obtemperou: "Você deve fazer como eu. Case-me com uma francesa que me ensinou o francês. Case-se com uma alemã e aprenderá o alemão". Sabia que Gerardo não detestava coisa alguma tanto quanto o casamento.

No verão de 1858 Gerardo foi visitar Heine, acompanhado de um escritor alemão. "Ele estava pensando que eu já morri há muito tempo. Faz tantos meses que o não vejo". Heine, já quase cego, reconheceu, de pronto, o seu amigo. Estendendo-lhe a mão pequenina e descarnada:

"Vejo que a vontade humana, disse, tem força magnética. Hoje eu 'quis' vê-lo. Por que é que você não aparece mais? Você é poeta e não quer mais respirar o mesmo ar que eu respiro?" Gerardo comunicou-lhe que dentro de alguns dias iria a Weimar. Heine suspirou:

"Homem feliz. Essa Alemanha, eu a amei mais do que fora razoável. Espero não cometer a sandice de aí morrer. Trate, assim, de indagar, quando estiver por lá, em que religião se morre melhor. O assunto me preocupa seriamente e os filósofos alemães parece que entendem qualquer coisa disso". Estendendo-lhe um ramo de folhas brancas onde, nas horas solitárias de suas noites insones, rabiscara, a lapis, alguns versos. "Traduza-me esse poema, disse. Quero publicá-lo, desde já, na Revista dos Dois Mundos. Não deixe de empregar a vocabulário precisamente inusitado. Devem todas as palavras ser muito claras porque dizem respeito à Alemanha. Há lá uma malícia que investe contra mim, acalada pela canchala. Não de ter a prova provada de que eu ainda sei escrever".

De volta dessa viagem, Gerardo foi visitar Heine em companhia do jornalista alemão

Mels que nos deu dessa visita uma vívida descrição. Discorreram acerca das poesias que Heine havia traduzido com o auxílio de Gerardo e que a França acolhera com entusiasmo. Heine zombava de sua tradução: "Sr. Gerardo, ao ler as traduções que fiz com a sua ajuda, tenho ganas de levar a mim mesmo a um mercado público na Alemanha e gritar: espantem-no! Sempre que um alemão me vem ver, penso que se trata de algum agente secreto do patnaso germânico a pedir ao governo francês minha extradição para o consequente castigo".

Heine era incansável na gama das ironias. "Daqui a mil anos ainda serei caluniado por conta dessa desgraçada tradução. 'Senhores', dirá numa Universidade da Nova Zelândia, o professor de Literatura Antiga, 'esse século em que os homens ainda falavam diferentes línguas, produziu um gênero de criaturas que estavam, para os escritores, como os macacos para os homens. Eram chamados tradutores. Esses semi-homens se encarregaram de tornar compreensíveis as obras de um poeta aos que não lhes entendiam a língua. Faziam como os macacos que, diante dos seus contrajacem os gestos humanos. Nesse país, que se chamava Germânia, houve um poelinho, por nome Heine, que nos dá raro exemplo de alienação mental fazendo-se macaco de suas próprias obras e imitando-as diante dos franceses". "Veja você, Gerardo, como irão falar. E a você toca a mor parte da responsabilidade".

Nessa altura, um violento insulto de seu mal o apertou em dores tão atrozes que lhe consumiram todas as forças. Mal pôde apontar para o coração suspenso sobre a cama. Gerardo tirou por ele. Precipitadamente irrompeu a sra. Heine, administrando ao marido o remédio que ele enguliu de uma só vez. Passado algum tempo,

recobradas as forças, Heine recomeçou com os seus sarcasmos e pihérias.

Gerardo de Nerval não o ouvia mais. Tinha os olhos fitos no teto. Os dedos de uma mão direita imitavam os movimentos do caranguejo. Vendo-o, Heine pediu ao outro visitante: "Toque a campainha". Mels puzou o coração. Novamente surge a sra. Heine. O marido fez-lhe um sinal. Ela retirou-se e, um minuto depois, tornava seguida de um sujeito robusto, o administrador da casa. Este acercou-se de Gerardo: "Quer prestar um serviço ao seu melhor amigo? 'Não sei quem é você'. — 'Bem o sei. O senhor Alexandre Dumas mandou-me procurá-lo. Está doente, peritinho daqui e pede que o vá ver o mais depressa possível'. — 'Dumas doente?' Gerardo ergueu-se numa agitação febril, tomou do chapéu e seguiu o administrador sem dar a menor atenção às demais palavras.

Mels não entendeu aquilo. Heine deu-lhe a chave do engima. "Gerardo está demente. Há dez anos que ele tem desses acessos de loucura. Essa baleia da doença de Dumas, que ele ama como a irmã, já nos tem servido várias vezes. Meu administrador o leva ao dr. Blanché, em cuja casa de saúde ele mora, e que cuida dele com o maior desvelo. Amanhã, quando acordar, já não se lembrará de mais nada do que se passou nesta tarde".

Depois de breve pausa, Heine prosseguiu: "Meu caro senhor, se tiver um filho, não deixe que ele seja poeta. Júpiter faz poeta àquele a quem quer castigar. O senhor acaba de ver um grande poeta. Está louco. Volte cá quinta-feira, e eu lhe mostrarei Alfredo de Musset que procura, no absinto, o esquecimento e a morte. E um dos maiores poetas contemporâneos. Não, já o foi. Hoje, nada mais é que uma ruína. Diante do senhor está o doutor em Direito. Enri-

que Heine, também ele, um dos poetas do nosso tempo que vai morrer de uma espécie de "dolorum tremens" poético. "O visitante, espantado, pediu-lhe que não continuasse: "Cale-se, por favor. Isto me é insuportável..."

Gerardo de Nerval foi um dos raros amigos que permaneceram fiéis ao poeta. Em fins de 1854 viam-no, ainda, à cabeceira de seu leito. Um mês mais tarde, a 25 de janeiro de 1855 (aniversário da morte da jovem atriz Jenny Colliu, que ele amara), enforcava-se nas barras de uma grade da rua da Vieille-Lanterne. Foi enterrado no Père Lachaise em presença de alguns poetas. As comemorações religiosas foram celebradas na Notre Dame. A igreja foi indolente para com quem, como disse o dr. Blanché, "se enforcara por ter visto a sua loucura frente a frente".

Em novembro de 1855 Heine dizia a um visitante: "Foi o mais rude golpe que me atingiu. Em 25 anos não tive outro amigo como ele. Pensei que não pudesse sobreviver-lhe tanta tempo". Seis meses mais tarde a prolongada agonia de Heine também tinha fim.

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA — Alvaro Moreyra

DOCUMENTE

Eu nessa idade podia repetir e que dizia aquela senhora alemã de Santa Maria, sempre que se confessava:

"Eu não matei, eu não roubei, tudo mais eu fiz".

Vivo de improviso, apesar de viver sem eloquência.

Antes dos sapatos, das ligas, dos cintos, das pulseiras, dos suspensórios de vidro, as portas da minha casa já eram de vidro. Sou um homem escancarado. Descobrir segredos em mim, ou é jogo ou é doença.

CLIMA

Sim, o calor dilata os corpos. Mas as almas, as pobres almas?

CULTURA

O escritor Nestor Vitor, já falecido, ia pela praia do Pia-

mengo com o escritor Augusto Frederico Schmidt, ainda vivo. Calados os dois, Nestor pensava. Schmidt emagrecendo. De repente, o amigo de Cruz e Sousa parou e pôs-se a rir num grande gozo.

— Que é, mestre? — quis saber o futuro autor do "Mar Desconhecido".

O mestre informou:

— Lembrei-me agora de que foi aquele patife do Taine quem me levou a Platão.

MELANCOLIA

Não pode haver dúvida: este cigarro entristece. Mas é uma sensação boa que ele dá. Uma tranquilidade de cinzeiro. Caminho assim pela Avenida, pensando com o dia, a mesma cor nas minhas ideias, a cor da chuva, espalhada no ar, caída

no asfalto, em pedacinhos nas árvores, nos veículos, nas casas, nos transeuntes. Páro diante de uma vitrina da Royal Mail. Está ali, como um brinquedo de almar, a morada de Anne Hathaway, mulher de Shakespeare, em Stratford-on-Avon, terra de Shakespeare. Velha Inglaterra... Continuo para as laudas da casa, a olhar as coisas, as cartazes das agências de vapores. Um dos cartazes grita:

"Alemanha, país da alegria".

"Alemanha, país da alegria". Que saudade da "doce França", do tempo em que uns homens faziam "negócios da China", e outros homens, mais felizes, podiam fazer "castelos na Espanha"! Velho mundo... Velho mundo...

DESTINO

Os egoístas morrem sozinhos.

PALAVRAS E CORES

Faz muitos anos, li certa história, não sei de quem. Passava-se no espaço. O sentido dela era mais ou menos assim:

Duas almas do Ocidente se encontraram e uma disse para a outra:

— Imagine! Na China a cor do luto é branco!

Logo adiante, duas almas do Oriente se encontraram e uma disse para a outra:

— Imagine! Na França a cor do luto é preto!

Uma alma antiga, uma alma solitária, com longa prática de todos os pontos cardiais, ia pelo mesmo caminho, ouviu o primeiro espanhol, ouviu o segundo e continuou a andar, chutando.

— Idiotas! Ainda discutem a cor com que se deve sofrer...

Desconfio que essa história se repete agora em muitos lugares do mundo. Haverá, apenas, mudanças sem importância. Na França, por exemplo:

— Imagine! Liberdade, Igualdade, Fraternidade!

— Imagine! Trabalho, Família, Pátria!

Os lavais escutam à direita, escutam à esquerda, encolhem os ombros, metem as mãos nos bolsos, sorrindo:

— Idiotas! Ainda discutem as palavras com que se deve gozar...

CUIDADO!

Uma ereção inconveniente é a de fantasmas. Eles, depois, perseguem os criadores.

EDUARDO GUIMARAENS

Nós, eramos sete amigos. Eduardo era o mais moço. Foi

ele o primeiro que morreu. Tinha vinte anos a nossa vida. Começou em Porto Alegre, continuou na saudade. Agora a saudade é outra. Sem cartas. Sem notícias. O Eduardo foi-se embora e não voltou nunca mais. Deixou um amor e dois filhos. Deixou os versos que escreveu dos quinze anos aos trinta e cinco. E, em revistas e jornais, folhas do diário da sua sensibilidade, crônicas, pequenas notas, elogios. Deixou traduções de poemas e de comédias. Escreveu, também, para o teatro, mas só uma vez consentiu por em cena uma peça. As outras ficaram à espera de intérpretes como ele queria. Eduardo já tudo. Sabia tudo.

A cultura imensa não lhe perturbou a originalidade feita de ternura e de melancolia. Nessa ternura, nessa melancolia, havia escondida (ele não viu) a pobre certeza de que a vida ia acabar depressa. Tão depressa... A vida... A tua Divina Guimara, Eduardo...

GLÓRIA

Chatenubriand é um bife. Machado de Assis, quinhentos réis.

MEIO ARISCO

Um viajante deu esta impressão sobre a casa de Charlie Chaplin: "É a casa de um homem que tem um pouco de medo dos outros homens".

Pessimismo

A origem de todo ato de dedicação é quase sempre inconsciente.

VERGONHA

Uma coisa que se tem dos outros.

O "INTERMEZZO", de H. Heine

18

Teixeira de Melo.

Gonçalves Crespo.

A minha doce amado,
Tão bela como Venus,
Quando emergiu das ondas espumosas,
No seu dia de núpcias ostenta
Toda o esplendor da sua formosura.

Puzeram-te no rosto o oéreo véu nupcial
Bem sei que te perdi, mas não te quero mal

Brilham do teu color as pedras luminosas,
Mas no teu coração, que noites lufuosas!

Em sonhos eu desci, ô misera mulher,
As sombras do tua alma, e vi-te o poder...

Bem sei que te perdi, ô minha doce amado,
Mas não te quero mal, és muito desgraçada.

Ai pobre coração, tão paciente
Não lhe condenes a traição, desculpa-o;
Resigna-te a sofrer a dor imensa
Desse dardo de morte
Que a louquinha te cravou!

CURSO DE ESTUDOS DA AMAZONIA

5a. AULA - HISTÓRIA DA AMAZONIA - Prof. Basílio de Magalhães

Por cem anos que um compa-
nheiro de Pizarro, desviando-se da
expedição à "Terra-da-Camélia",
barrada pelo Nago, percorreu em
toda a sua extensão, das nascentes
de São João, o intenso e misterio-
so "Mar-Dulce".

Com Francisco de Orellana, em
1541, a "Flecha das Amazonas", pois
atravessou ter visto a margem da
grande canal: mulheres guerreiras,
equiparáveis, pelo belicoso apurmo-
do do rio Termodonte, cantadas
pelos poetas da antiguidade clási-
ca.

Aventureiros de fantasia desbor-
dante, não só imaginaram os es-
panhóis a "Flecha-de-Juventa" em
terras do Novo Mundo, como ainda
localizaram em vários pontos do
mesmo, notadamente nas proximida-
des da hileia amazônica, uma
ilha e deslumbrante Colômbia:
Manaus, capital de "El-Dorado",
miragem de fecundas resultados
para o conhecimento das regiões
hileitantes desta parte do con-
tinento colombiano, desde que foi
trazida para a Europa por sir
Walter Raleigh, no crepuscular do
século XVII.

Foi ela que atraiu o segundo na-
regante do nosso rio-mar, Pedro de
Urdue, que se intitulava governa-
dor do reino de "Quaxia y Dor-
rão", morria quando em marcha
para conquistar o mesmo, por volta
de 1580, por seu companheiro
Lopo de Aguiar e por culpa dos
olhos fatigados da fumaça de
tabaco.

O "equador visível do continen-
te americano", cuja primeira
denominação, devida a Orellana, foi
"Rio de Santa Maria de la Mar
Dulce", — percorreu-o águas atri-
as o capitão Pedro Teixeira, na
famosa expedição de 1637 a 1639.
Em consequência da expulsão dos
holandeses da França-Equatorial, ha-
via sido fundada Santa-Maria-de-
Belém, em 12 de janeiro de 1616,
por Francisco Caldeira de Castelo
Branco, e em 1621 criara o gover-
no da metrópole o Estado do Rio-
Ninho, compreendendo o extremo
norte do Brasil. Pedro Teixeira,
empunhando insígnias recebidas do
governador do Estado do Mara-
nhão, incorporou no domínio lu-
sitano toda aquela ingente e fértil
hileia, desde o Nago até ao Atlân-
tico. Ao regressar, trouxe dois je-
mias castelhanos, André de Ar-
teaga e Cristóbal de Acuña, tendo
isto este o autor do "Nuevo des-
cubrimiento del río de las Amazo-
nas", impresso em Madrid em
1641. Sem essa benéfica succe-
dida de Pedro Teixeira, não teria
alido escrito, em 1682, o livro de
Maurício de Henriette, "Descrição
do Estado do Maranhão, Pará e rio
das Amazonas".

Antes o domínio espanhol, desdo-
berou-se ali a prestantíssima at-
ividade de um jesuíta alemão, o padre Sa-
muel Fritz, catequista e cartógrafo,
cuja mapa do nosso rio-mar tras a
data de 1681. Contraponto des-
se mapa foi o de Francisco de Melo
Faieta, que, depois de ajudar a
reconstruir-lo para além das lindas
portuárias, realizou a entrada do
Madeira (1722-1723), a que se se-
guiram outras expedições não me-
nos importantes por todo o me-
andro daquela desmedida bacia flu-
vial.

Foi ele assegurada a coroa por-
tuguesa pelo admirável trabalho
de 1759, devido à genial capacidade
do paulista Alexandre de Gusmão.

Substituído esse pacto pelo de 1777,
a demarcação de fronteiras trou-
xe à terra natal o insigne baiano
Alexandre Rodrigues Ferreira, o
"Humboldt brasileiro", cuja ex-
ploração da hileia amazônica se es-
tendeu de 1783 a 1792. Foi esse
nosso baiano quem confirmou o tí-
tulo da obra do padre João Dan-
iel Jesuíta, escrita antes daque-
la data, e ainda só incompletamen-
te publicada, "Tesouro descoberto
no máximo rio Amazonas".

Desde La-Condamin, começou
aquela portentosa selva a aliar
ciências curpias. Investigaram-
na Spix e Martius (1819-1820),
Natterer (1831-1835), William Ed-
wards (1836) e Giacomo Oculati
(1846-1848), Alfred Wallace e Hen-
ry Bates (1848), Suppure (1854) e
Chandless (1861-1865). Agassiz
(1866-1868) e os preclaros membros
da "Morgan-Expedition" de 1870,
Smith e outros, e Derby, Harber,
viu o nome do geólogo Bran-
ner, vindo logo depois; Karl von
den Steinen esteve no Xingu em
1884; Henri Coudreaux e sua esposa
percorreram diversos afluentes do
Amazonas de 1895 a 1899. Não po-
demos deixar de ser lembrados aqui
os nomes preclaros de Emilio Goeldi
(1895-1907) e de Jacques Hubert
(1895-1914), assim como os de Max
Schulze (1900-1901), de Koch-
Grünberg, que explorou o Rio-Negro
(1903-1908) e o Rio-Branco
(1911-1913), tendo morrido em Vi-
ta-Algre (1924) e do conde Er-
mano Stradelli, falecido no Uru-
mital em 1928), a quem muito de-
ve a nossa hileística.

Seria grave injustiça não men-
cionar os nossos compatriotas, que
cooperaram para as "e" conhecidas
as explorações do vale do rio-mar,
desde Manuel Urbano da Encarna-
ção, ináxtil de Chandless e de
João Martins da Silva Coutinho)
e Antonio Rodrigues Pereira La-
be (cujo cognome se perpetua em
"Labura", por ele fundada a
margem do Peru) até Domingos
Scoréa, Ferreira Penna, Ladislau
Neto ("O Champhollon brasilei-
ro"), Barbosa Rodrigues, Glycon de
Paiva e outros.

Muito contribuiu para a fama da
Amazônia o seu lendário, um dos
mais copiosos e interessantes da
nossa terra, e cujo estudo foi meri-
tamente, encetado pelo conego
Francisco Bernardino de Sousa e
desenvolvido por José Veríssimo.

Tornou-se corrente, no vale do
rio-mar, que as defensoras do
mesmo, as valentes iamabais,
mediante rito somente por elas cele-
bradas, extraliam do fundo do lago
Jac-nariá ("espírito-da-lua"), não
dizante das margens do Nhamun-
da, os seus tabus minerais, os
"muraquaitis" (cuja pesquisa as
interpretações foram inauguradas
por Barbosa Rodrigues). E daque-
le povo do Amazonas conhecido
como "Terra das iamabais"
("Abuq Baqas", "O país das pe-
dras verdes" ("Rainmundo Moraes"),
ou também "O inferno verde" (Al-
berto Rangel) e "Terra imatura"
(Alfredo Ladislau).

"Ceuci" ("mãe-das-lágrimas") e
"Jurupari" (diabo, corresponden-
te ao "Anhangá" tupico) são
nomes peculiares do fetichismo an-
trofítico da Amazônia.

Mas ali ainda apareceram três
mitos de origem indígena, desde
muito aproveitados pelos nossos
folcloristas e novelistas, assim co-
mo por escritores alieígenas que

se preocupam com a nossa de-
mologia a "mãe-das-lágrimas", o "pa-
ra-luara" (ou "lôro") e o "mapiqua-
ra" (depende flonstral semelhante
ao "capora" ou ao "cibungo").
A tudo isso ainda se juntaram
"mascoscos" animais e vegetais.
Duas aves são ali favoráveis à ven-
tura humana: o "urapuru" (ou
"irapuru") e a "jurupari". Das
"aroidas" (aroidas) desempenham
por aquelas bandas o mesmo papel
de chamamizos de felicidade, o "sa-
japuri" e a "jurupari-pepena".

Do maior estadista do "despotis-
mo esclarecido" do século XVIII e
que se deve a criação da capitania
de São-José-do-Rio-Negro, por ato
de 3 de março de 1755. Mandada
instalar, por ordem de 11 de junho
de 1757, teve esse primeiro ar-
bitrio, de Joaquim de Melo e Po-
vosa (1758-1760), que deu nomes
plantas às aldeias então eleva-
das a vilas, como Serpa, Silves, São
Paulo de Olivença e outras. Até ao
fim do período colonial (não se fa-
lando nos interiores), administra-
ram a nova capitania Joaquim Ti-
noco Valente (1760-1768), Manuel
Lobo de Almeida (1768-1774),
João Joaquim Vitorino da
Costa (1774-1818) e Manuel Jon-
quim do Paço (1818-1821). A capi-
tania de São-José do Rio Negro,
longe de ser erigida à categoria de
provincia do império proclamado
em 1822, passou a ser, pela lei de
29 de novembro de 1832, a comar-
ca do Alto Amazonas, afrendo en-
fado, até 1840, as sagradas enes-
quências da "cabanaagem". Mas a
3 de setembro de 1850 a comarca do
Alto Amazonas foi desmembrada
do Grão-Pará e elevada à cate-
goria de "Provincia do Amazo-
nas", perdendo assim o Pará o di-
reito ao adjetivo "grão", forma
supocuada de "grande", que até
então lhe entrava no topônimo.

Até a queda do império, teve a
provincia do Amazonas 30 presi-
dentes, o primeiro dos quais foi
João Batista de Figueiredo Tenrei-
ro Aranha (1832-1833) e o último o
barão de Solimões (Manuel Fran-
cisco Machado).

No governo de Antonio Epandi-
nonda de Melo (1865-1867, foi pu-
blicado o decreto de 7 de dezembro
de 1866, abrindo o rio Amazonas e
seus afluentes à navegação mar-
ca de todas as nações, a partir
de 1 de setembro de 1867. Muito
concorreu para essa nova era de
progresso daquela ubertosa região,
o livro de Aureliano Cândido Ta-
vares Bastos, "Cartas do solitário"
(Rio, 1922), em que analisou a obra
do norte-americano Maury, volven-
do a tratar do nosso problema
em seu novo estudo "O vale do
Amazonas" (Rio, 1960).

Por ocasião da guerra do Brasil
contra Solano López, mandou o
Amazonas mais de 1.500 soldados,
que se nobriram de glórias nos
campos do Paraguai, donde jou-
cos retornaram aos seus lares. Os
tenentes Anony e Tapajós, o alfer-
es Santos Abreu e o voluntário
Pedro Luis Simões foram dos que
caíram. O penúltimo deixou inscri-
to um "Diário da campanha do Pa-
raguai" e o último publicou depois
uma "Gramática da língua brasilei-
ra".

O movimento abolicionista re-
pouitou no Amazonas ao tempo da
presidência de João Wilkens de
Matos (depois barão de Miranda)

(1864-1870): foi animado pelo ge-
neral José Miranda da Silva Reis
(depois barão de Miranda Reis),
(1870-1872) e por José Lúcio da
Cunha Paranaíba (1882-1884); e
rematou-o o benemerito Teodoro
Carlos de Páris Souto, que, a 10 de
julho de 1884, pôde declarar, com
seu ressonio patriótico, haver o
Amazonas libertado todos os seus
oscravos de origem africana.

O impávido jornalista Bento Ar-
nina e Domingos Teófilo de Car-
valho Leal, presidente do Clube Re-
publicano do Amazonas (fundado
em Manaus a 29 de junho de 1889),
foram os mais abnegados evangeli-
zadores do ideal democrático, para
cujo triunfo concorram eficaz-
mente os heróis de Ajaricaba.
Instaurado o novo regime políti-
co, o primeiro dirigente supremo do
Estado do Amazonas foi Augusto
Ximeno de Vilhery (1890), que te-
ve como sucessor Eduardo Gonçal-
ves Ribeiro, ambos dignos oficiais
do nosso exército.

O primeiro governador constitu-
cional foi o coronel Gregório Tau-
maturgo de Azevedo (1891-1892),
a quem se seguiu o já citado enge-
nheiro militar Eduardo Gonçalves
Ribeiro (mais conhecido pelo cog-
nome de "O Pensador"). Durante
a longa e fecunda administração
deste (1892-1896), Manaus foi
transformada numa das mais belas
cidades do nosso país.

Muito concorreu para o con-
hecimento da história e das divi-
das do Amazonas os parnaseses
Bartolomeu Miranda e Frederico José
de Santa Ana Nery, sendo deste os
magníficos trabalhos "Le pays des
Amazones", "La civilisation de
l'Amazonie" e "Poliore brésilien".

Do pacto de 19 de setembro de
1897, entre o Brasil e a Bolívia,
originou-se a grave questão das
terras caucheras regadas pelo
Aquiri, feticamente colonizadas pelo
craxista de Petropolis, de 17 de no-
vembro de 1903. Não será para ad-
mitir, graças à marcha acelerada,
que afortunadamente vai tendo to-
da a nossa pátria, seja o Territó-
rio do Acre erigido, dentro em bre-
ve, à categoria de Estado.

Desbravado outrora por audazes
bandeirantes e entradistas (tendo
alido os mais notáveis destes, últi-
mos os do século XVII, Bento Ma-
ciel Parente e Pedro da Costa Pa-
vela), civilizado pelos missionários
da Companhia de Jesus e de ou-
tras ordens religiosas, o vale do
nosso rio-mar está indubitavelmen-
te destinado a ser uma das mais
prosperas regiões do ocênio.
Aquele hileia gigantesca, além do
rescudo número de carecenses, que
tem sido, nos derradeiros anos,
seus mais numerosos e valentes po-
voadores, já mereceu também as
vistas de um dos mais célebres ca-
pitães de indústria da poderosa
república lanque, o "rei do auto-
móvel", a cuja iniciativa se deve
o surto da "Fordlandia" na zona
da balata.

Desde que o nosso governo tome
as imprescindíveis e urgentes pro-
vidências em pro do desenvolvi-
mento econômico daquela asom-
brante reserva de riquezas do setor
setentrional-équinoal de nossa pátria,
— a Amazônia deixará de ser "o
inferno verde", para tornar-se "o
paraíso do Estado Brasileiro",
transmutando em realidade a fic-
ção de Americo Vespúcio, que co-
loca o "Eden terrenal" nas proxi-
midades do nosso rio-mar. E tam-
bém se confirmará, traduzida em

EFEMÉRIDES DA ACADEMIA

2 DE FEVEREIRO

1916 — Falecimento, no Rio de Janeiro, de José Veríssimo.

4 DE FEVEREIRO

1903 — Eleição de Augusto da Lima, candidato único, para a cadeira vago por morte de Urbano Duarte.

10 DE FEVEREIRO

1902 — Falecimento de Urbano Duarte, fundador da cadeira n. 12.

1912 — Falecimento do Barão do Rio Branco, que ocupara em substituição a Pereira da Silva, a cadeira n. 34.

11 DE FEVEREIRO

1917 — Falecimento, em Petropolis, de Osvaldo Cruz, que substituiu Francisco de Castro.

12 DE FEVEREIRO

1856 — Nascimento, em Lisboa, de Henrique Lopes de Mendonça, que foi sócio correspondente.

1933 — Falecimento, no Rio de Janeiro, de Constâncio Alves, que substituiu Paulo Barreto.

15 DE FEVEREIRO

1848 — Nascimento, em Toulouse, France, de Paul Gervais, que foi sócio correspondente.

16 DE FEVEREIRO

1907 — Falecimento de José Carducci, sócio correspondente.

18 DE FEVEREIRO

1873 — Nascimento, no Porto, Portugal, de Alberto de Oliveira, sócio correspondente.

17 DE FEVEREIRO

1876 — Nascimento, em Sarroca, de Francisco Adolfo de Varnhagen, patrono da cadeira n. 39.

1848 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Luiz Guimarães Júnior.

18 DE FEVEREIRO

1875 — Falecimento, em Niterói, de Fagundes Varela, patrono da cadeira n. 11.

19 DE FEVEREIRO

1916 — Falecimento, em Barcelona, de Afonso Arinos.

21 DE FEVEREIRO

1964 — Nascimento, em Caxias, Maranhão, de Coelho Neto.

22 DE FEVEREIRO

1843 — Nascimento, no Rio, do Visconde de Taunay.

24 DE FEVEREIRO

1843 — Nascimento, na ilha de S. Miguel, de Teófilo Braga, que foi sócio correspondente.

27 DE FEVEREIRO

1860 — Nascimento, em S. Paulo, de Eduardo Prado.

28 DE FEVEREIRO

1873 — Falecimento, em Niterói, de Joaquim Caetano, patrono.

verdade, a lenda de "El-Dorado",
tecida outrora pela cálida e desum-
brada imaginação dos aventurei-
ros europeus para fascinar a au-
rela daquela "selva selvagem e as-
sura e forte".

Dois temperamentos: Joaquim Nabuco e Oliveira Lima

(Continuação da página 77)

entismo, procurando dar a im-
pressão de incompatibilidade
entre as teses de Nabuco e Rio
Branco. Na verdade, o que ha-
via era a diferença de situação
dos dois diplomatas. Se fosse
ministro do Exterior, Nabuco
teria falado, muito provavel-
mente, a linguagem de Rio
Branco, que, por sua vez, em
Washington, não desprezaria a
vantagem de tornar-se too
American.

O pior era que Oliveira Lima
achava que devia, nas cartas
destinadas ao próprio Nabuco,
insistir nas críticas ao paname-
ricanismo do nosso embaixador.
Nabuco tolerou a primeira cen-
sura. Mas o cansaço, o aborre-

cimento, era inevitável. Um dia,
ele dirigiu a Oliveira Lima um
apólogo pitoresco. Narrou que
havia encontrado, no Rio, um
amigo de mocidade, que o abra-
çara entre exclamações de sur-
presa:

— Oh! Nabuco! Você está
muito encaecado!

Nabuco poderia ter dito ao
interlocutor:

— Você só não está tão en-
caecado quanto eu porque pin-
ta os cabelos.

Preferiu não responder. Em
suma, o que ele queria dizer era
que Oliveira Lima discordasse,
como entendesse, da atitude de
nosso embaixador em Washing-
ton, mas que lhe fizesse o ob-
servo de não dizer essas cen-
suras, ou pensamentos, nas car-

tas que lhe escrevesse. O ser-
vão do renaniano, entretanto,
era tempo perdido. Porque Oli-
veira Lima, diante do apólogo,
respondeu:

— Pois o que eu diria em pri-
meiro lugar, era justamente o
que você achava que devia ca-
lar.

Conflito de temperamentos,
um discreto, tolerante, cético;
o outro não compreendendo dis-
cordâncias e não desculpando
divergências. Porque não pôde
continuar as suas cartas, Oli-
veira Lima resolveu escrever
todo o volume de "Memórias",
no qual aparece como um mis-
tificado do Alem-Túmulu, diri-
gindo epístolas postumais a de-
safiados, que também já descer-
taram do mundo dos vivos.

Soneto a quatro mãos

E DÊ SUBITO NALMA INCOMPREENDIDA
ESTA MÃO, ESTA PENA, ESTA AGONIA...
NOS OLHOS RESSEQUIDOS A SOMBRIA
FONTE DE PRANTO, QUENTE E IRREPRIMIDA...

NO ESPÍRITO DESERTO A IMPRESSIONADA
MISTERIOSA PRESENÇA QUE NÃO VIA:
A CONCIENCIA DO MAL QUE NÃO SABIA,
APARECIDA, DESAPARECIDA...

ATE! BEM POUCO, ERA UMA IMAGEM BAÇA
AGORA, NESTE INSTANTE DE CERTEZA,
SURGINDO CLARO, COMO NUNCA O VI!

E EM SEU OLHAR, TOCADO PELA GRACA
DO CÉU, NÃO SEI QUE ANGELICA PUREZA,
— PUREZA QUE NÃO TENHO, QUE PERDI!

Augusto Frederico Schmidt
Manuel Bandeira